

a CENa

Cr\$ 3,00
em todo o Brasil
N.º 27 — 6-7-48

MUDA



ESTE
NÚMERO:

“O PROSCRITO”

O FILME QUE HOLLY-
WOOD CONDENOU!



Elza Miranda

A REVOLTA DOS "ANJOS"

Os últimos acontecimentos de São Paulo, motivados pela atitude dos proprietários de cinemas, que cerraram as portas das suas casas de espetáculo, em sinal de protesto pelo tabelamento do preço das entradas, podem trazer consequências desagradáveis, e que bem poderiam ser evitadas. Evidentemente, a greve é bastante engraçada. Uma greve de patrões, uma greve de proprietários; proprietários que se insurgem contra uma medida adotada pelas autoridades competentes. Não conhecemos ainda as tabelas adotadas pela Comissão Municipal de Preços para os cinemas da capital paulista. Entretanto, a medida tomada pelos proprietários foi excessivamente nervosa e, sob vários aspectos, absurda.

Ainda agora, por exemplo — e isso já foi objeto de um artigo nesta página — os empregados das empresas cinematográficas do Rio de Janeiro, muito justamente, pediram uma revisão e um consequente aumento nos seus salários, em verdade baixíssimos. Qual a atitude dos empregadores, diante das reivindicações dos seus trabalhadores? Um espaço de tempo para pensar, estudar o caso, discutir calmamente o assunto. E a atitude dos empregados, então? Conceder o tempo pedido pelos representantes dos empregadores e esperar, sem achaques, pela solução.

Quando aqui houve uma cerimônia tragi-cômica, a célebre cerimônia do "quebra-quebra", os cinemas foram varejados e atingidos pela fúria popular. Houve o diabo com as instalações de algumas casas. E qual a opinião dos senhores proprietários sobre os atentados? Que tudo não passava de obra revolucionária, orientada por perigosos anarquistas, sequiosos de colocar o país em uma situação confusa e oportuna para suas tramas políticas.

A recente atitude assumida pelos proprietários de cinemas de São Paulo nada fica a dever à triste cerimônia do "quebra-quebra". Foi um desrespeito às autoridades constituídas do País, que,

no caso, justiça seja feita, sempre têm oferecido ao mundo exibidor cinematográfico acatamento, respeito e sentido de colaboração. Se erros existem no tabelamento (ainda não o conhecemos), que tudo seja discutido pelos meios legais e calmamente. A atitude assumida pelos exibidores paulistas, levando o caso ao exagêro de uma greve patronal, chega mesmo a justificar as manifestações de populares da capital paulista, que ameaçaram depredar vários cinemas, manifestações estas que, segundo notícias veiculadas pelos jornais, provocaram desagradáveis incidentes.

No momento em que esta crônica foi entregue à composição, a situação em São Paulo ainda não se tinha modificado, tendo mesmo o diretor do Departamento Estadual do Trabalho declarado que havia recebido ordens enérgicas aqui do Rio de Janeiro no sentido de fazer terminar o "lock-out" patronal, estando o diretor com autoridade para decretar a intervenção no Sindicato das Empresas Exibidoras Cinematográficas, se assim achasse necessário, acentuando, outrossim, que poderiam ser aplicadas multas diárias variáveis de 5 a 10 mil cruzeiros, fazendo questão de frisar, entretanto, que os exibidores tinham todo o direito de recorrer e protestar contra a medida da Comissão de Preços, mas que tudo deveria seguir o ritmo legal.

Como se pode deduzir pelas declarações do diretor do Departamento Estadual do Trabalho, as autoridades paulistas estão agindo com decisão e boa vontade. Mas se os exibidores querem guerra...

luiz alipio
de barros

Sumário:

A revolta dos "anjos", por Luiz Alipio de Barros	3
Tópicos e comentários	4
Quando o cronista pergunta e Bibi responde	6
O "velho" Randolph Scott	8
A estréia de um nacional	9
Outra sueca em Hollywood	10
Ray Milland	12
O proscrito (cine-romance)	14
Nelly Darén	18
O "Milagre" de King Vidor	20
Ainda o "Milagre"	22
Fim de semana, de M. G.	23
Teatro	24
Rádio	25
Boa-noite	26
Panelinha	27
Melodias para você	28
Cotações	31
De todo o mundo	34

NOSSA CAPA



Ilustra a nossa capa desta semana a atriz Veronica Lake, conhecida no Brasil através de vários filmes da Paramount. Veronica vem aí em "A abrasadora"

a CENA MUDA

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Secretário: R. Magalhães Júnior. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones — Secretaria: 22-4447; Administração: 22-2550; Publicidade: 22-9570; Portaria: 22-5602. Endereço telegráfico "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 140,00; Semestral (26 números), Cr\$ 70,00. Registrada: Anual, Cr\$ 170,00; Semestral, Cr\$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 270,00; Semestral, Cr\$ 140,00; Número atrasado, Cr\$ 3,50. A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados. Distribuidor de "A CENA MUDA": SÃO PAULO, Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 67. Telefone 4-1569. Representante em S. Paulo para publicidade, Severino Lopes Guimarães, Rua Alvares Penteado, 150, 5.º, sala 502. Tel. 3-2649. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE, Agular Mendonça, 19, West 44th Street, New York City, N. Y. — Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2 St. Lisboa. ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA, D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. URUGUAI, Moratório & Cia., Constituyente, 1746 Montevideo. Sucursal na ARGENTINA, "Inter-Prensa", Florida, 239. Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor.

TÓPICOS E COMENTÁRIOS

DIFUSÃO DO CINEMA NO CAMPO

Varsóvia (BIP) — Em Varsóvia realizou-se uma importante conferência técnica, que tratou da difusão do cinema no campo.

Segundo dados apresentados nessa ocasião, estiveram funcionando em 1947 83 cinemas ambulantes, que ofereceram 12.144 sessões. Além disso, os cinemas educativos deram cerca de 7.000 sessões, em 554 localidades, e os cinemas escolares, em dezembro de 1947, abrangiam 1.681 escolas urbanas e 1.498 escolas rurais.

A falta de salas de projeção nas aldeias dificulta a ação dos cinemas ambulantes, cuja quantidade é ainda insuficiente.

Em 1949 a indústria cinematográfica polonesa fornecerá 500 aparelhos de projeção para os cinemas ambulantes e, de acordo com os planos, em 1956 o número de cinemas ambulantes elevar-se-á a 2.500, o que dará oportunidade a cada habitante rural de assistir à sessão de cinema 2 vezes por mês.

Durante a conferência discutiram-se ainda vários problemas de ordem técnica, como os trajetos a serem adotados pelos cinemas ambulantes e a

escolha dos filmes, dado o caráter especial do público rural.

A quantidade de fitas educativas, dizendo respeito a temas agrícolas e rurais, foi reputada ainda insuficiente. Convém salientar, entretanto, que a indústria cinematográfica polonesa está produzindo em 6 centros especiais grande quantidade de fitas didáticas, algumas fitas sobre temas rurais, incluindo "Inundação", "Estamos construindo uma nova aldeia" e "Mãos de camponês" já foram apresentadas com sucesso e, enfim, 9 fitas sobre temas de agricultura estão em produção. Cogitou-se ainda em consagrar mais atenção a temas rurais nas atualidades cinematográficas.

ACABARAM-SE OS FILMES DE MAIS DE DUAS HORAS

Hollywood — Um dos resultados da campanha de economia dos estúdios de Hollywood será o encurtamento dos filmes. Os tempos de guerra em que apareceram filmes épicos de duas horas parecem ter acabado, pois uma investigação feita revelou que das 38 produções que estão sendo atualmente filmadas nenhuma apresenta tempo de projeção superior a 100 minutos, sendo que apenas uma, cujo nome é "Command Decision", tem tal

duracão. A maioria dos novos filmes dura oitenta minutos, e muitos apenas setenta. Os produtores explicaram que o público não aprova os filmes longos e que, apesar das despedidas em massa dos empregados nos estúdios, cancelamento de contratos dos artistas não estritamente essenciais, redução nos orçamentos de montagem, etc., alguns filmes deram um prejuízo de 50% do custo de produção. A economia resultante da nova diretriz será impressionante. Um filme de primeira classe custa em média 50.000 dólares por dois ou três minutos de projeção. Portanto, quaisquer cinco ou seis minutos de economia no tempo de filmagem serão grandemente apreciados pelos acionistas. O corte no comprimento dos filmes não afetará a qualidade dos mesmos, segundo dizem os dirigentes dos estúdios.

DEZ NOTAS

1 — "Escalando o Monte Cervino" é o filme colorido de curta metragem que obteve o prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de 1947. 2 — Saibam que "Sinfonia trágica" é uma produção musical que saiu de Hollywood. 3 — Constance Bennett, Brian Aherne e Barry Sullivan são os "astros" de "O segredo de uma mulher". 4 — Pafúncio e Marocas virão em breve a nossas telas em dois filmes: "Marocas, a gostosona" e "Vida apertada". 5 — "Aconteceu na Quinta Avenida" é uma comédia. 6 — "Mulher Dillinger" é a história de uma mulher ambiciosa. 7 — O governador Jimmie Davis, "astro" de "Luisiana", pretende voltar às lides cinematográficas em duas películas mais, das quais a primeira se intitulará "Manhattan Melody". 8 — Lee Bonnell, marido de Gale Storm, faz o papel de um aventureiro em "Marocas, a gostosona". 9 — John Sullivan, filho de Barry Sullivan e com sete anos de idade, fará o papel de irmão de Barry em "Last of the Badmen". 10 — A coisa mais aborrecida para Roland Winters, o novo Charlie Chan, é o trabalho que lhe dá sua caracterização para o famoso papel.

UMA OPINIAO DE KATHERINE DE MILLE

Enquanto a maioria das mulheres continua preocupada

com o comprimento das saias, Katherine De Mille prefere falar a respeito das calças...

Katherine De Mille acha que não deve haver discussão sobre as saias — basta que sejam de comprimento discreto, mas manifesta-se violentamente contra a moda das calças, os tais "slacks"; afirma que as mulheres ao usá-las perdem todo o "charme".

A "estrela" de cabelos de azeviche, que surgirá brevemente ao lado de seu marido Anthony Quinn em "Do mesmo sangue", dramática história do amor de um índio pelo cavalo que criara e adestrara para as corridas, disse-nos:

— Essa moda de "slacks" ora, por que não lhes dar logo o nome que verdadeiramente devem ter: calças? Assim que uma mulher as enfia perde o principal característico da feminilidade, embora suas adeptas afirmem que lhes dão mais liberdade de movimentos. Talvez tenham razão, mas ponham num dos pratos da balança a liberdade adquirida e no outro o "charme" perdido. Qual deles vale mais? Pessoalmente passo muito bem sem essa tal liberdade e deixo-a para os que, na verdade, dela tiram todo o proveito — os homens...

"Do mesmo sangue" é uma película da Allied Artists em cinecolor.

EROS VOLUSIA CONQUISTOU PARIS

Paris (AFP) — A célebre dançarina brasileira Eros Volusia conquistou a elite parisiense no espetáculo de gala do folclore franco-brasileiro, organizado na Casa da América Latina, em benefício da UNAC, sob o alto patrocínio de Vincent Auriol e sob a presidência efetiva do embaixador do Brasil na França, Carlos Martins Pereira de Souza.

Eros Volusia, artista de grande classe, interpretou sucessivamente "Sertaneja", "Tico-Tico no Fubá", "Dança Selvagem", "Macumba", danças plenas de expressão e ritmo, com o talento que lhe valeu calorosos aplausos.

Assistiram a essa bela manifestação artística o presidente da República, Vincent Auriol e esposa; o embaixador do Brasil, Carlos Martins Pereira de Souza, e filha; o cônsul geral do Brasil na França, e numerosas personalidades francesas e sul-americanas.



COCK-TAIL — No "terrace" do edifício da Associação Brasileira de Imprensa, realizou-se um "cock-tail" patrocinado pela Universal-International, para a apresentação à Imprensa e ao meio cinematográfico do Rio de Janeiro do sr. Robert H. Wealt, representante na América Latina da Organização J. Arthur Rank. Na foto acima, podemos ver a sra. Walda Calvert, diretora de publicidade da Universal-International no Rio, o sr. Mike Bergher, Diretor-Gerente da Universal do Brasil, sr. Luiz Alípio de Barros, de A CENA MUDA, sr. Robert H. Wealt e sr. R. Magalhães Júnior, da REVISTA DA SEMANA.

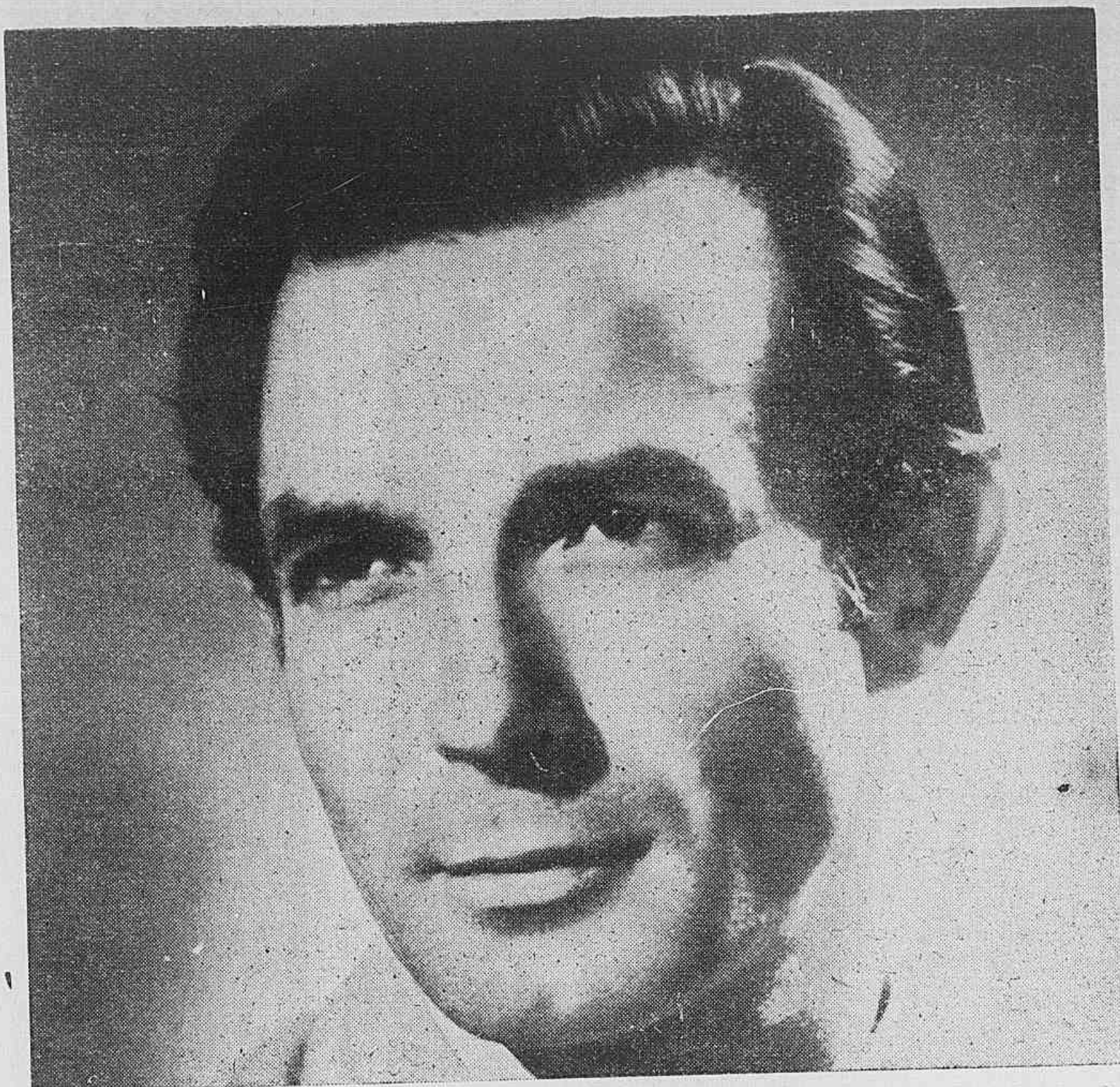
Tres Atores Argentinos

Dedicamos esta página a três atores dos mais conhecidos do moderno cinema argentino, sem dúvida alguma um dos mais adiantados do mundo, com uma média anual de produção digna de um elogio vigoroso.

Dos três, o mais famoso e importante é este ator conhecido do público brasileiro Pedro Lopez Lagar, intérprete de tantos filmes de sucesso, e considerado como o melhor ator argentino para o ano de 1947, pelo seu desempenho em "Albeniz".

Francisco Martinez Allende é um ator romântico. Seu filme de maior projeção ultimamente foi "Vacaciones", dos Estudios San Miguel. Nesta película Allende contracenou com a atriz Mecha Ortiz.

Por fim, temos Juan Carlos Thorry, galã das comédias do cinema argentino.



Francisco Martinez Allende



Juan Carlos Thorry e Pedro Lopez Lagar.

QUANDO O CRONISTA PERGUNTA E BIBI RESPONDE



BIBI FERREIRA, que depois de uma temporada de sucesso aqui na Capital da República, foi para São Paulo.

Antes de partir para São Paulo, Bibi manteve uma rápida palestra com o cronista de A CENA. Depois de dizer que pretendia reafirmar na capital paulista o sucesso alcançado durante a sua temporada aqui no Rio, Bibi sustentou com o cronista o seguinte diálogo:

Cronista — Na sua opinião, o governo deve ou não auxiliar diretamente o teatro?

BIBI — Acho que deve e pode fazer muito pela grande arte no nosso país.

Cronista — Qual seria a forma mais eficiente de auxílio às companhias nacionais por parte do governo?

BIBI — Diversas. Entre outras coisas, o governo poderia auxiliar direta e positivamente, as Companhias que quizessem excursionar pelo país, auxiliando assim a divulgação do nosso teatro dentro do nosso território. Uma maneira simples de concretizar esta idéia seria fornecer às Companhias transporte gratuito para qualquer parte do Brasil.

Cronista — Que pensa da criação de uma escola de teatro?

BIBI — Indispensável ao futuro do nosso teatro e do nosso cinema.

Cronista — Como deveria, em linhas gerais, ser formada esta escola?

BIBI — O governo deveria contratar, a prazo fixo, técnicos estrangeiros que viessem ao Brasil criar técnicos nacionais. Uma vez terminados os contratos desses técnicos, os nossos técnicos ocupariam os seus lugares, criando-se então a verdadeira escola Nacional de Teatro. Esses técnicos seriam diversos, como por exemplo, diretores de cena, cenógrafos, cenotécnicos, "camera-men", técnicos de som, de luz, de revelação de películas, etc. Aliás, a idéia não é original. E aí está Volta Redonda para demonstrar.

Cronista — Que outros benefícios poderiam ainda ser feitos pelo teatro?

BIBI — Criar uma cadeira de arte dramática e artes em geral nos colégios e escolas superiores — criar o amor ao teatro nas crianças de hoje, que serão os artistas, os técnicos e o público de amanhã.

Cronista — Condena o teatro para rir, o teatro dito de "chanchada"?

BIBI — Em absoluto. Em meio das mil dificuldades com que luta o nosso teatro, "condenar" é uma palavra que ninguém deveria empregar.

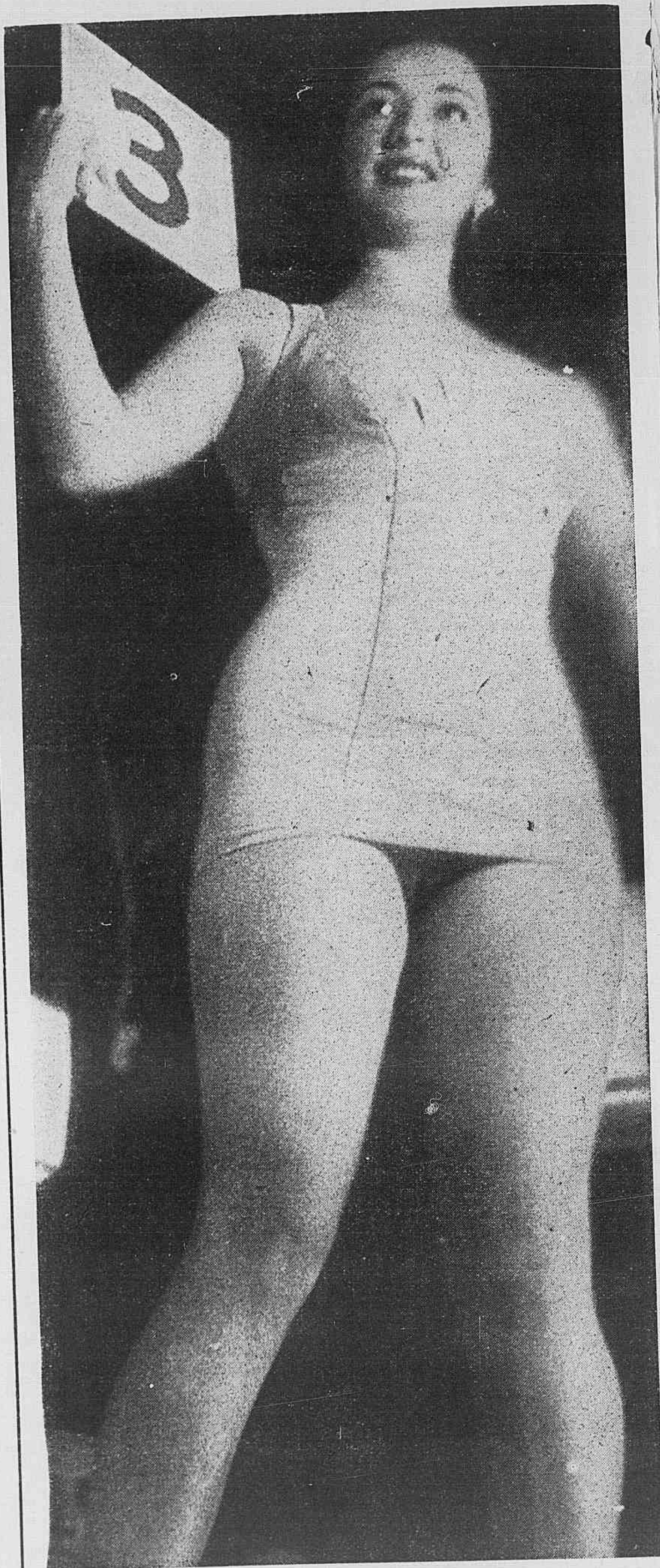
Cronista — Qual a espécie de teatro que falta ao Brasil?

BIBI — A comédia musicada e a opereta. Dois gêneros de teatro popular que por seus encantos e beleza deveria voltar aos nossos palcos.

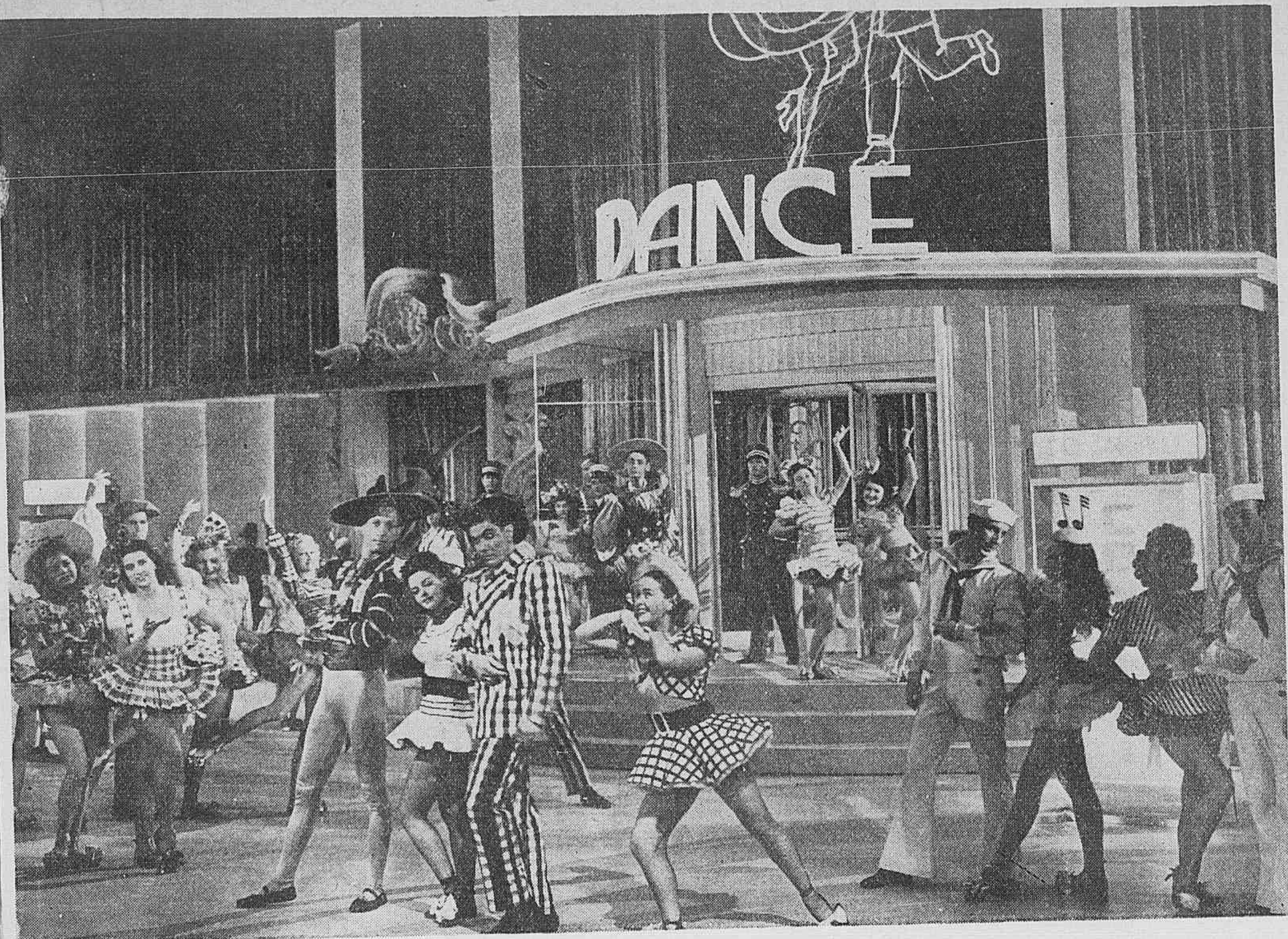
Cronista — Na sua opinião, qual o melhor teatro da atualidade?

BIBI — Um dos melhores é sem dúvida o norte-americano, que por ter nascido no interior e se desenvolvido nos colégios e universidades, apresenta o maior esforço.

"FOLIAS CARIOCAS"



VEJAM senhores, a linda garota que aparece acima e digam se vale ou não vale a publicação. Ela é um dos tipos de beleza que aparecem em "Folias Cariocas", um filme nacional a ser lançado brevemente.



QUEM NÃO SE LEMBRA de Joan Mac Cracken, aquela "mignon" e encantadora bailarina que apareceu em um excelente número no filme da Warner, "Um sonho em Hollywood"? (vide foto). Agora, informam as más línguas que Joan pretende aparecer em um filme da Metro. Está na hora de se dizer: "Já volta tarde".

Joraci Camargo e "Anjo da Meia Noite"



Joraci Camargo, conhecido teatrólogo nacional, vem de firmar contrato com Cine Produções Fenelon, cedendo os direitos de filmagem de seu original "Anjo da Meia Noite" que será a produção n. 3 da novel organização de Moacir Fenelon. A fotografia é o documento do ato, devendo o filme ser estrelado por Rodolfo Maier, Paulo Porto e uma "estrela" cujo nome será oportunamente anunciado.

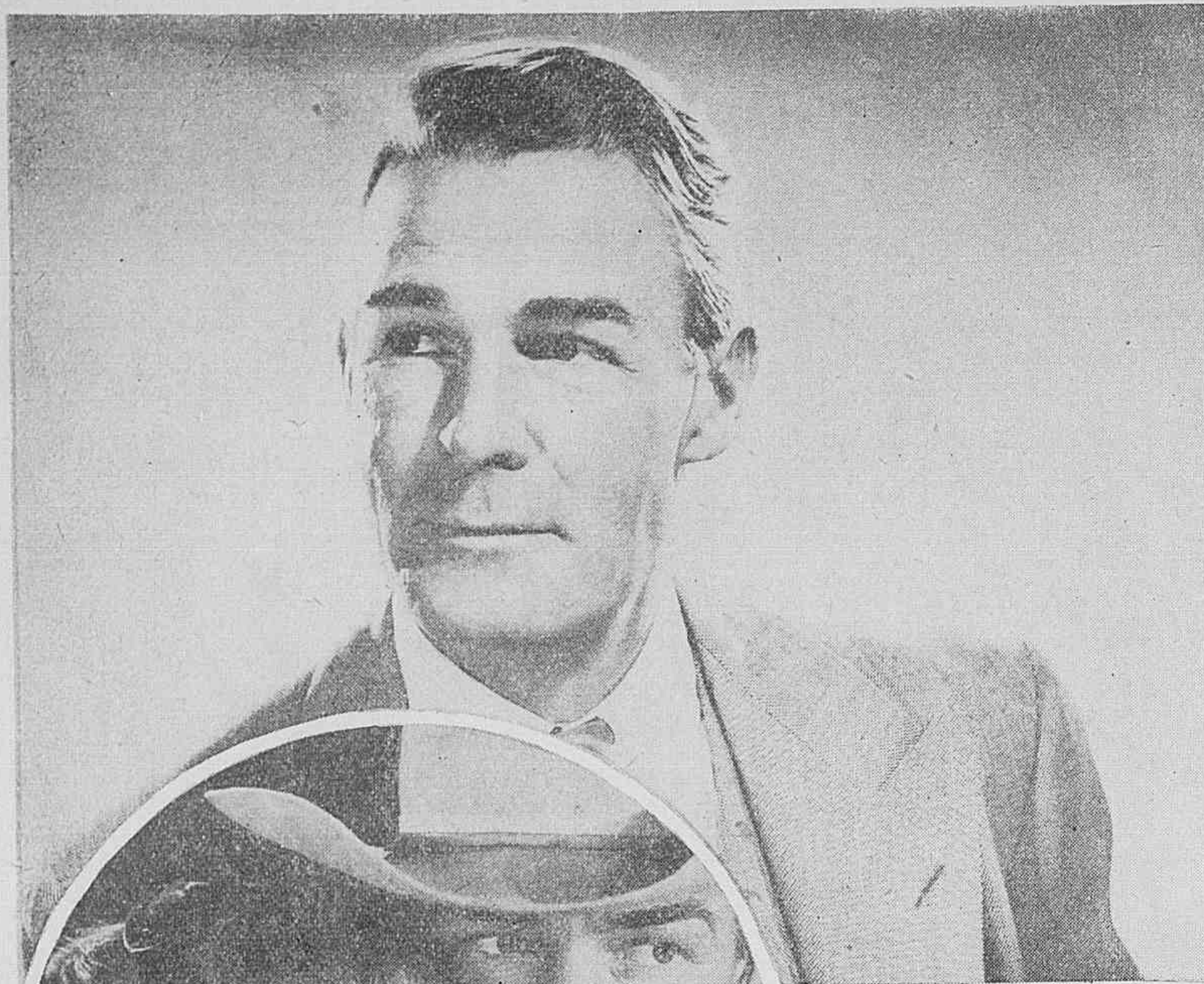
"NARCISO NEGRO"



UMA CENA do filme "Narciso Negro", produção britânica que agradou satisfatoriamente quando do seu lançamento nos Estados Unidos. Na foto, vemos Deborah Kerr, no papel de uma religiosa, e a jovem Jean Simmons, uma das revelações do cinema inglês..

O "VELHO" RANDOLPH SCOTT...

Por VIC TAYLOR



Um belo dia foi-se para Califórnia, onde achou jeito de se meter na Pasadena Community Playhouse. Trabalhou ali intensivamente, e com sucesso, até Dezembro de 1941. Nessa época um caçador de talentos, tendo-o visto na peça "The Broken Wing", em Los Angeles, ofereceu-lhe um contrato com a Paramount. Randy aceitou e lá se foi para Hollywood, onde lhe deram um papel no filme "Sky Bride". Essa foi a sua estreia no cinema. E também o início de uma carreira espetacular!

Randolph Scott lembra aos fãs da velha guarda um astro inesquecível do cinema silencioso: William S. Hart. Não só pelo seu físico, como também pelo tipo do "cow boy" imortal-silencioso, rude, trazendo à cinta duas pistolas. Mas escondendo atrás disso um coração de ouro.

Entre os anteriores filmes do Oeste de Randy podemos anotar "Wilde Horse Mesa", "Belle Starr", "Virginia City" e "Belle of the Yukon". Mas nem só nesse gênero tem aparecido Randolph Scott. Ele foi um intérprete romântico em "Roberta". E estrelou filmes como "My Favorite Wife" e "China Sky".

Randolph pesa 90 quilos e tem 1,85 de altura. Adora os esportes, sendo Bing Crosby e Bob Hope os seus parceiros favoritos no golf. Mas o seu grande amigo, de há muitos anos, é Cary Grant.



Duas pôses de Rand Scott: ao natural e fantasiado de "cow-boy". No medalhão: com Dorothy Hart em "Terra de Paixões", um filme da Columbia.

Hollywood — Poucos atores de Hollywood possuem o invejável cartel do veterano Randolph Scott — o de tão longamente manter-se no coração do público, que o admira há tantos anos com uma constância rara. E' que Scott põe nos filmes do Oeste americano toda a força do seu talento dramático. Em "Terra de Paixões", o "Western" da Columbia, Rand ultrapassa em emoção e violência os seus trabalhos anteriores.

"Randy" Scott nasceu em Orange County, Virginia, no dia 23 de Janeiro de 1903, filho do engenheiro George C. Scott e de Lucy Crane Scott. Fez os cursos primário e secundário em várias escolas, graduando-se na Universidade de North Carolina, especializando-se em indústrias textis. Deixando a Universidade, viajou durante um ano pela Europa, e quando regressou à América associou-se ao pai, mas sem muito entusiasmo pelos negócios.

A ESTREIA DE UM NACIONAL



UMA das próximas estréias do cinema nacional, será a película "Mãe", produção da PROARTE, uma companhia que pretende realizar em massa. A direção do filme pertence a Teófilo de Barros Filho, e a película é extraída de uma novela de Ghiaroni que marcou grande sucesso quando da sua apresentação em capítulos.

O filme, além de nomes consagrados da arte interpretativa nacional, traz, no seu elenco um número grande de novatos.

Entre os "velhos" podemos assinalar Alma Flora, César Ladeira, Manuel Vieira, Amadeu Celestino e outros, e entre os novos destacamos Rosa Radi, Bené Nunes, Dary Reis, Jorge Doria, e mais alguns.

A data de lançamento não está ainda fixada, mais podemos adiantar que a apresentação de mais êste nacional se dará com a maior brevidade possível.





As fotos que ilustram estas páginas mostram a grande atividade, nos estúdios da Universal-International, da atriz Marta Toren, a mais recente aquisição de Hollywood no país que deu Greta Garbo, Ingrid Bergman e outras atrizes de cartaz em Hollywood.



Marta Toren vai estreiar no cinema norte-americano no filme "Casban", contracenando então com o ator Tony Martin.

Pelas fotos, o leitor pode tirar a conclusão física da bonita atriz. E esperem pelo filme, para que seja feita a prova artística. O. K.?

Ray Milland



Ray Milland, passou vários anos em Hollywood desenvolvendo o que toda gente chama, sua própria fórmula, para alcançar sucesso no cinema, porém, não conseguiu tornar-se famoso até o dia que jogou fora sua fórmula antiquada.

Esta é uma das histórias mais incomuns em Hollywood. Por muito tempo o elegante, alto, mo-

reno e insinuante Milland, achava-se naturalmente indicado para a exclusiva interpretação de papéis tipicamente destinados aos galans cinematográficos.

Filmes, como "Princesa da selva", "Levanta-te meu amor", "Num corpo de mulher", e a "Incrível Suzana", tornou-se a especialidade de Ray Milland. "A mulher que não sabia amar"

foi sua interpretação máxima da série de galans amorosos.

Gradativamente, o astro da Paramount começou a ser incluído no cast de várias comédias onde tinha que abandonar um pouco sua costumeira elegância de cavalheiro

Veio, então, "Farrapo humano", e toda a sua antiga forma de atuar foi abandonada, quando aceitou o papel de um ébrio inveterado, Don Birnam. Ray Milland, interpretou de tal forma seu papel que modificou inteiramente sua carreira cinematográfica. Agora, em vez de antigos papéis românticos e alegres que o tornaram um dos mais conhecidos sofisticados da tela, ele interpreta papéis que lhe dão chance de fazer ótimas criações artísticas.

Novamente, Milland, se afastou de seus antigos papéis padronizados, no filme "Cigana feiticeira", no qual interpretou um coronel inglês, que reparte suas perigosas aventuras com uma cigana por ele apaixonada, Marlene Dietrich. Com a interpretação desses dois últimos filmes, a renúncia a seus antigos papéis foi completa. Não contente, ainda, de ser contemplado com papéis importantes, Milland, escolhe agora seus próprios personagens para interpretá-los a seu modo, mesmo quando o envolva em complicados casos de assassinio como os papéis que interpreta nos celuloides "O relógio verde" e "Alma negra".

Uma longa descrição torna-se desnecessária para determinar as cenas emocionantes do filme "Relógio verde", no qual Milland põe calefrios na platéia com sua atuação misteriosa e emocionante. Charles Laughton, o grande creador de papéis inesquecíveis, faz parte do cast juntamente com a grande atriz Maureen O'Sullivan. Laughton interpreta um multi-milionário Chamado Earl Janoth, chefe de uma vasta organização publicitária, denominada "Publicações Janoth".

(Cont. na pág. 26)



A interpretação de Ray Milland, como redator de um magazine ao lado de Ginger Rogers, Warner Baxter e John Hall em "A mulher que não sabia amar", elevou-o de um encantador galan a maiores alturas na sua carreira cinematográfica. A DIREITA — O ponto alto da vida artística de Ray Milland, foi seu papel em "Farrapo humano", em cujo filme também atuou Jane Wyman. A fita foi classificada como a melhor de 1945 e a interpretação de Milland valeu-lhe o prêmio máximo da Academia de Arte de Hollywood.



Como um coronel inglês investido num trabalho de espionagem durante a grande guerra, atrás das linhas de combate alemãs, Ray obteve terrível e aventureira experiência em companhia da insinuante e bela cigana, Marlene Dietrich, no filme "Cigana feticheira". A DIREITA — Em "Relógio verde" Ray trabalha com o rotundo e notável ator característico Charles Laughton, numa eletrizante história de um assassinato, Ray se empenha na caça de um homem que não era outro senão ele próprio, Ray Milland.



Em "Alma negra", a elegância e distinção do homem suave de maneiras, delicado e sociável servem de cartões de visita para Ray Milland levar vantagem sobre sua inocente companheira, no filme, Ann Todd, que o conserva escondido da polícia que o procura porque foi acusado do crime de assassinato. A DIREITA — Em "Califórnia", filme em technicolor, Ray Milland ao lado da belíssima Bárbara Stanwyck realiza mais um trabalho para a Paramount.



O PROSCRITO

(THE OUTLAW)

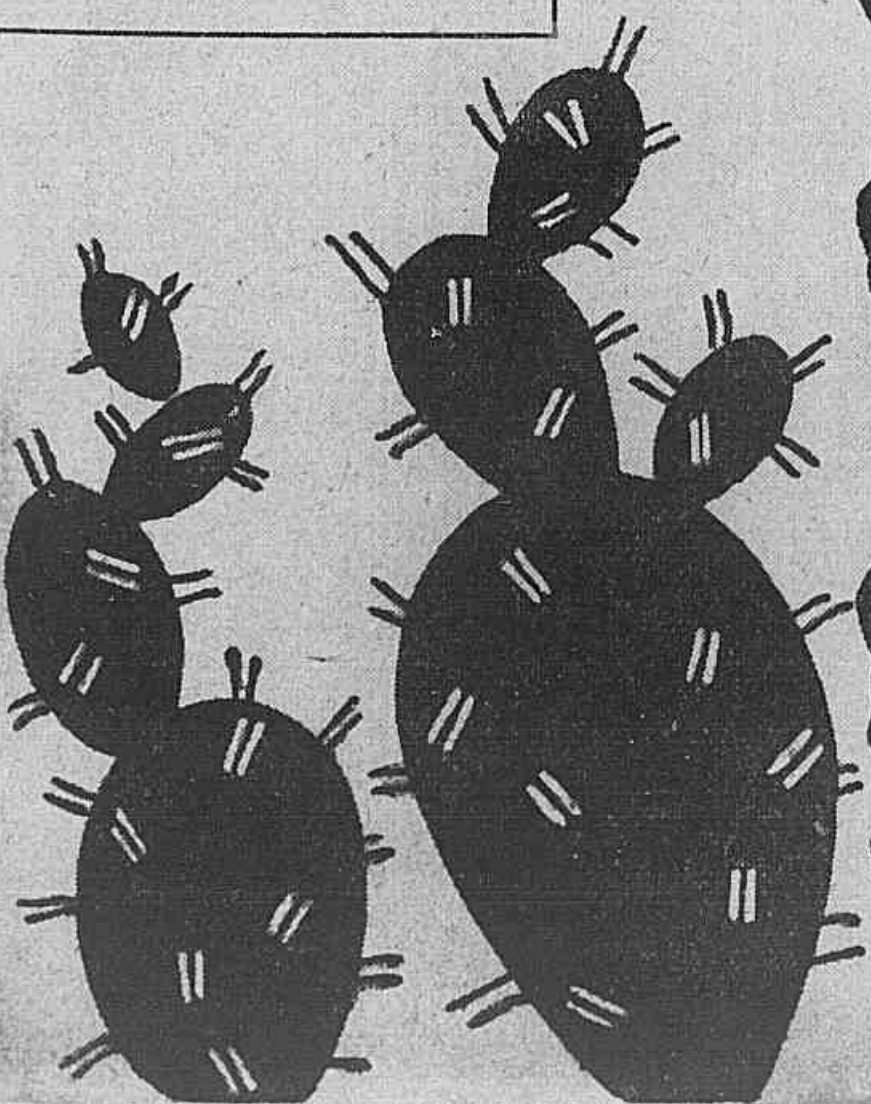
NOTA DA REDACAO — O cine-romance que apresentamos nesta edição, "O proscrito", foi publicado pela A CENA em sua edição

ELENCO

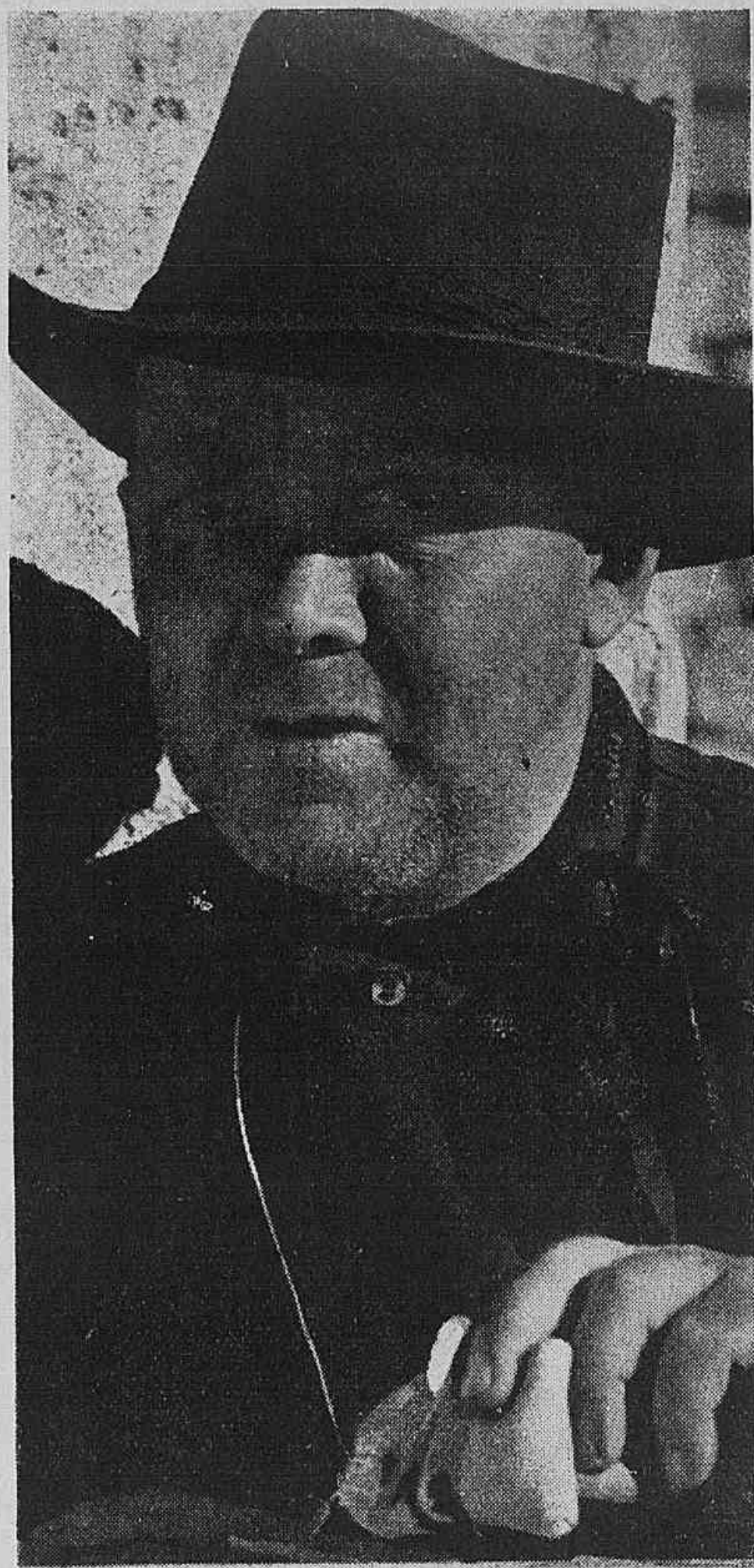
Pat Garrett... Thomas Mitchell
Doc Holliday Walter Huston
Billy, the Kid Jack Beutel
Rio Jane Russell

★

Produção e direção de Howard Hughes. Cinedrama de Jules Furthman







de 29 de dezembro de 1942. Entretanto, é já do conhecimento público o rumoroso caso que despertou em todo o mundo a produção de Howard Hughes, considerada pela censura oficial e pelas ligas moralistas de vários países como imoral, justamente pelas cenas amorosas entre o par romântico e também pelo tipo criado pela provocante Jane Russell. Aqui no Brasil o filme teve também as suas atrapalhadas. Não com a censura, pois esta logo que o filme lhe foi apresentado deu carta branca ao distribuidor e aos exibidores para mostrar a película ao público brasileiro. O caso de "O proscrito" no Brasil foi um caso íntimo. Um caso que somente têm conhecimento o distribuidor e, naturalmente, o sr. Severiano Ribeiro, pois o filme esteve passa-não-passa por muito tempo, e, inesperadamente, sem mais nem menos, foi morrer nas prateleiras da Warner, e a publicidade sobre a película calou-se tumularmente. Agora, dizem que o filme vai ser apresentado. Portanto, será oportuno este nosso cine-romance, apesar de ser um cine-romance re-publicado.

ESTA é a história de três homens impiedosos, uma apaixonada mestiça e um fogoso cavalo chamado Jimmy. Há outros personagens, decerto, neste relato, mas eles não importam muito. Dos três homens impiedosos, um chama-se Pat Garrett e era um jovem e curioso irlandês, que tinha a seu cargo — nesse ano de 1881 — o posto de sheriff de Lincoln Country, no Estado de New Mexico. Homem áspero e enérgico, por isso mesmo era temido e respeitado. O outro homem tinha o nome de Doc Holliday; era alto, esguado, bigode rapado, olhos castanhos e observadores como os da águia. Doc Holliday era, entre outras coisas, um doutor, mas, antes de tudo, era um indivíduo errante, que usava dois revólveres bem engraxados na cintura, podendo puxá-los tão rapidamente que os índios chegavam a considerá-lo um feiticeiro. De Dodge City a Santa Fé todos conheciam Doc Holliday. O terceiro homem era William Bonney, mas todo mundo conhecia-o pelo apelido de Billy, the Kid.

A razão disso é que ele acabara de completar vinte e um anos e a designação viera naturalmente, mas Billy the Kid também não deixava de ser uma expressão idio-

mática de respeito e medo. Billy, com exceção de Doc Holliday, era o homem mais ágil com dois revólveres que Lincoln Country vira até agora, e, provavelmente, o mais mortífero. Até agora, Billy e Doc nunca se tinham defrontado antes.

— Eu faço a pontaria — dizia Billy, frequentemente — antes de puxar o revólver.

Suas vítimas nunca confirmariam isso, pois todas elas estavam numa sepultura. Billy era um jovem corpulento, com uma fisionomia simpática e dois olhos negros e vivos.

A jovem era Rio Mac Donald — uma mistura de mexicano e escocês — e todos eram unânimes em dizer que ela não era melhor do que devia ser. Tinha a aparência de uma selvagem, embora extremamente bela.

Quanto ao cavalo, Jimmy, era um espécime admirável, que podia sobrepujar qualquer outro cavalo em existência, e que sabia fazer seus truques e suas habilidades.

— O cavalo mais inteligente fora de um circo — dizia Doc Holliday. — E deve ser assim mesmo. Eu o treinei.

Mas alguém roubara Jimmy, e Doc Holliday, transformado e com os nervos em fogo, enquanto aca-

riciava os seus revólveres, partiu para Lincoln numa diligência. Ao mesmo tempo, talvez por muita coincidência, Billy, que vinha de tomar parte num tiroteio em Santa Fé e matara um homem, também se dirigiu para Lincoln. E, decerto, Pat Garrett já estava em Lincoln, na qualidade de sheriff. Mas o que nem Billy nem Doc sabiam era que Pat Garrett, tão bom no manejo de um revólver quanto eles, entrara para as forças da lei e da ordem. Pat Garrett, que já uma vez fôra o terror de muita gente nos salões e nos bares, andava agora pelas ruas de Lincoln com o seu distintivo de delegado pregado na camisa, com ares muito respeitáveis.

Quanto a Doc, o único pensamento reconfortante sobre a sua viagem a Lincoln, na diligência, era que ele iria rever, em breve, um palminho de rosto muito bonito e que — até agora, pelo menos — olhara para Doc com um ar de carinho e agrado.

Doc desceu da diligência e percorreu a rua empoeirada, com os olhos varejando as portas de cada bar, pois era bem possível que aquele que desafiara os seus revólveres, roubando-lhe o cavalo, ali se encontrasse. De súbito, Doc Holliday parou. Ele tinha a in-

(Continua na pág. 30)



No cinema argentino há uma jovem "estrela" que pode ser considerada como uma das mais inteligentes e futuras. Trata-se da loura Nelly Darén, de quem apresentamos nestas duas páginas centrais algumas pôses.

Muito mais, entretanto, em trabalhos na em tendo destaque "sita", onde com Carril, e em "O fazendo a evolução romance de Eric



NELLY DARÉN

UMA JOVEM E BELA "ESTRÉLA"
DO CINEMA ARGENTINO

Ainda, Nelly Darén conta, um bom número já de cinematografia de Buenos Aires, dos papéis em "La cumparacenou com Hugo del Olhai os lírios dos campos", voltada mas doce Dora do rico Veríssimo.

Nelly esteve, não faz muito, no Brasil. Aqui veio com um grupo de cinematografistas argentinos para filmar uma película cuja ação se desenrola em Quitandinha, filme éste que tem em seu elenco várias figuras brasileiras, destacando-se Anselmo Duarte, aquêle galã de "Querida Suzana".

O filme a que estamos nos referindo está ainda em preparo, e a produção pertence aos Estudios San Miguel, de Buenos Aires.

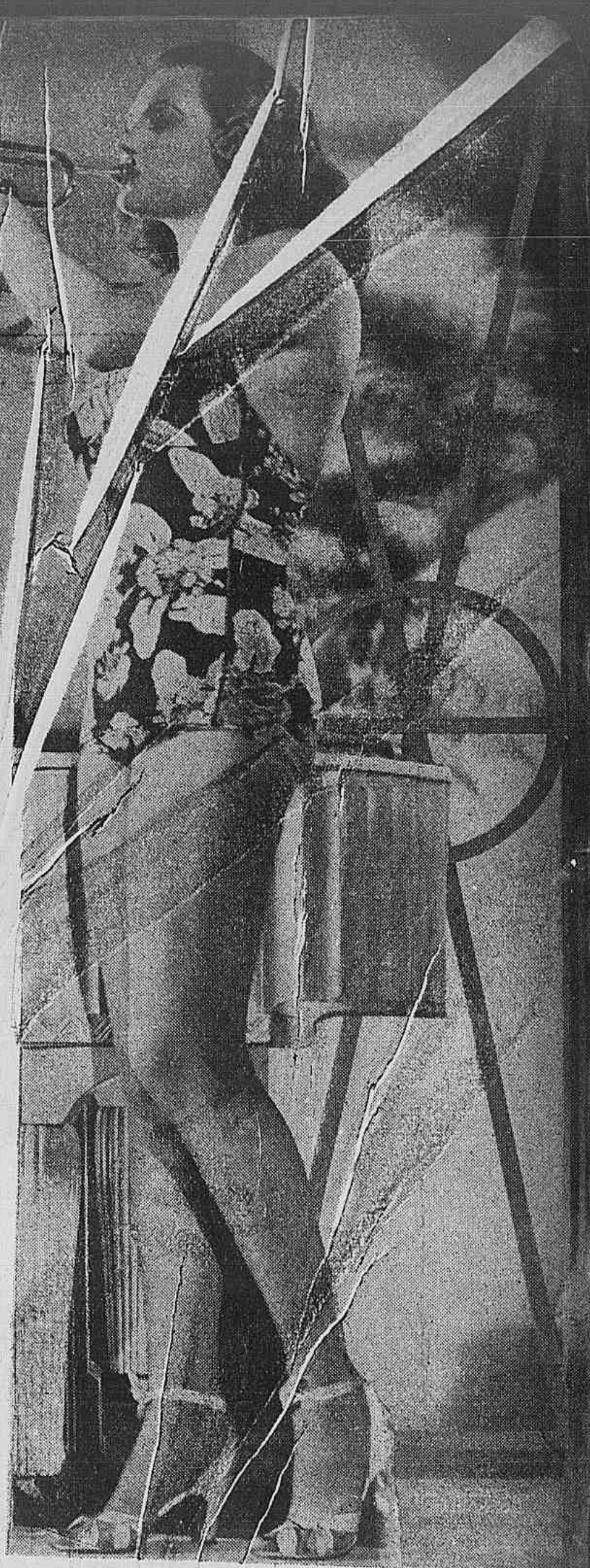


O "MILAGRE" DE KING VIDOR

Depois de uma ausência mais ou menos longa, voltou ao cinema o famoso e complexo King Vidor, responsável por uma ampla quantidade de películas, onde o nível artístico nem sempre foi homogêneo e onde, por vezes, a qualidade baixou a profundidades inacreditáveis para a importância de Vidor.

"A miracle can happen" é a nova película de King Vidor. O filme é dividido em quatro seções, ou quatro histórias diferentes, com uma sequência, ligando-as em uma história única.

A produção é de Benedict Bogeans e Burgess Meredith. O filme foi realizado pela United Artists, sendo o "screen-play" de Laurence Stallings.



Nas fotos destas páginas temos duas situações engraçadas com Burgess Meredith e Paulette Goddard, marido e mulher na vida real. As cenas são passadas na alcova do casal (êles são casados também no filme), e tanto Meredith como Goddard valorizam, um com o seu talento artístico, e a atriz com o seu belo corpo e notável palminho de cara, todas as cenas em que aparecem.



Sim, senhores. Fred Mac Murray também aparece e faz das suas no filme. Inclusive abraçar uma linda garota.



E se querem dois tipos gozados, aqui estão James Stewart e Henry Fonda, formando uma dupla do barulho.





O reverendo está sentindo alguma coisa?



Naturalmente o reverendo não está passando bem...

AINDA O "MILAGRE"

Nas duas páginas anteriores, iniciamos a apresentação de "A miracle can happen", o mais recente filme de King Vidor.

Agora, mostremos o grande elenco, sendo apresentado de acôrdo com as seções.

Na primeira seção temos Paulette Goddard, Burgess Meredith, Charles D. Brown e Frank Moran.

Na segunda seção temos Fred Mac Murray, William Demarest, Hugh Herbert, Betty Caldwell e David Whorf.

Na terceira seção aparecem James Stewart, Henry Fonda, Harry James, Eduardo Ciannelli, Dorothy Ford e Carl Switzer.

Finalmente, aparecem na quarta seção Charles Laugh-



Evidentemente, poderia ser pior. Tudo foi uma perfeita "gag"

ton, Henry Hull, John Qualen, Nana Bryant e Orley Lindgren.

Mas ilustrando esta página temos três situações engraçadíssimas de Charles Laughton, que no filme dirigido por King Vidor interpreta o gozado reverendo John Dunne. Charles Laughton é um dos atores mais versáteis do cinema. Tem o artista inglês interpretado, tanto na tela como no palco, os mais paradoxais papéis.

No cinema de Hollywood já andou do drama mais intenso à comédia mais sofisticada.

Ao aproveitá-lo para o papel do reverendo de "A miracle can happen", tanto King Vidor como Benedict Bozeaux e Burgess Meredith sabiam o que estavam fazendo. Laughton, além de tudo, possui a velha experiência e o talento brilhante de grande ator. Laughton é um grande ator, um ator que possui os segredos da interpretação, um ator de qualidade.



FIM-DE-SEMANA

Reportagem de M. G.

HOUVE um tempo em que a Rádio Clube era a pioneira em tôdas as programações de gênero radiofônico. Nesta ocasião todos os grandes cartazes do rádio desfilavam pelo seu microfone.

Depois as coisas mudaram, novas estações surgiram, e as diferentes diretorias que estiveram à testa da veterana estação, deram-lhe uma orientação incompatível com o gosto do público ouvinte, o resultado foi que o público que sabe o que quer abandonou a veterana emissora.

Mas, aos poucos, os dirigentes da A-3, verificaram que estavam errados e procuraram cor-

(Cont. na pág. 34)

AERTON PERLINGEIRO, ao lado de Alcides Gerardi, mostrando-lhe que também é um virtuose do piano; ao microfone, comandando as brincadeiras de auditório e mostrando ao repórter como "se cata milho" numa máquina de escrever.

Teatro

INDIFERENÇA PELO TEATRO E ESNOBISMO SOCIAL

Contraste curioso! Estréia no Municipal. Não se cuida de saber qual é a peça, que história conta, se o autor a realizou bem ou não, se os artistas constituem um elenco de real homogeneidade, — nada disso é necessário, porque alguns milhares de pessoas estão dispostas a comparecer, em grandes toiles. Os homens, de "smoking" e casaca. As damas de vestidos decotados, com penteados maravilhosos, espalhando pela sala ondas de perfume. Foi assim ainda segunda-feira passada, quando o mundo chique, a nata da elegância carioca, se reuniu no Municipal para bocejar com Henri Rollan e seus companheiros em "Le Fleuve Étrénelant", de Charles Morgan... Contrastando com isso, as nossas "premiéres" que nunca despertam essas manifestações de interesse, pois se convencionou que não é chique ir ao teatro em nosso idioma, porque se entende tudo e... oh, não é muito chique entender tudo! Agora mesmo, por exemplo, temos no Fênix um grande espetáculo. Um dos maiores espetáculos realizados nos últimos anos no Brasil. Um espetáculo com uma esplêndida direção, com artistas magníficos, conscientes dos papéis que representam com o máximo de verdade e sem nenhuma hesitação. Feliz seria a Companhia Francêsa de Comédias se, com os valores antigos e novos, que inegavelmente possui, mas foram tão mal aproveitados em seu espetáculo de estréia, conseguisse se apresentar ao nosso público de maneira tão brilhante quanto "Estrada do Tabaco" é apresentada no Fênix. Pois, com tudo isso, a platéia do Fênix, cinco vezes menor do que a do Municipal, não chega a se esgotar, — muito embora ocorrendo ao público o dever indeclinável de prestigiar os artistas valorosos que ali se barricaram

contra a ganância de um empresário cruel e desumano. Esse simples fato nos dá a impressão de que o teatro brasileiro conseguira, talvez, um apoio maior da nossa platéia de elite, desse mundo elegante que tanto despreza as manifestações de nossa própria arte, talvez por desconhecer-la deliberadamente, se converter suas estréias, pelo menos, em alguma coisa de proibida ao comum dos mortais, exigindo-se para os homens casaca e condecorações, fardões acadêmicos, diplomáticos e uniformes militares de gala, e para as senhoras vestido de "soirée" complementados, pelo menos, por brincos de esmeraldas e colares de pérolas ou diamantes autênticos, verificados à entrada por um representante do Sindicato dos Vendedores de Joias... Assim, talvez o Municipal ficasse deserto, passando esse mundo elegante de armas e bagagens a ver "Estrada do Tabaco" no Fênix em vez de "Le Fleuve Étrénelant"... — JOAO JOSÉ.

UMA PEÇA BRASILEIRA EM LISBOA

A temporada de Eva Todor, em Lisboa, no Teatro Avenida, continua com sucesso cada vez maior. Essa temporada está tendo como ponto alto a comédia de Viriato Corrêa, "A Sombra dos Laranjais", sobre a qual assim se manifestou Norberto Lopes, crítico do "Diário de Notícias":

"A terceira peça que a companhia de Eva Todor levou à cena no teatro Avenida é, finalmente, um original brasileiro — o mesmo que chegou a estar anunciado para estréia da companhia e que à última hora foi pôsto de parte sem uma razão plausível, pois não colhiam de modo nenhum aquelas que se invocaram para justificar a alteração do programa.

Compreendemos agora o motivo por que tinha sido escolhida a peça de Viriato Corrêa para apresentar em Lisboa o simpático agrupamento de artistas que Luís Telles dirige. Ela reúne, na verdade, não só as condições indispensáveis de êxito, como aquelas qualidades representativas do teatro brasileiro, entre nós lamentavelmente desconhecido, apesar de escrito na mesma língua em que Marcelino Mesquita escreveu o "Envelhecer" e D. João da Câmara, "A triste viúvina".

A peça de Viriato Corrêa, com efeito, apesar de rotulada de costumes brasileiros, podia muito bem ser uma peça de costumes portugueses, que em vez de se passar numa chácara ao Pará se passasse num dos nossos velhos solares provincianos. Escrita numa linguagem perfeitamente possível ao público português, sem aquele abuso de expressões e de idiotismos brasileiros que dificultariam a sua compreensão. "A sombra dos laranjais" possui, além disso, êxito não menos retum-

bante do que aquele que alcançaram as duas peças que a precederam no cartaz.

E senão vejamos: o diálogo é fácil, natural, elegante, ora polvilhado de ironia, ora levemente tocado de ternura, e revela da parte do autor o conhecimento perfeito da língua comum aos dois países, que pratica como um mestre; a anedota é contada com sorridente bonomia e num crescendo de interesse que não diminui, antes acicuta a expectativa do público; o tema, apesar de já ter sido virado e revirado do avesso em teatro, tem sempre atualidade, pelo conteúdo humano que encerra e pela graça eficiente de que se reveste; as personagens são desenhadas, primorosamente, como se fossem arrancadas a um velho album de família, e agem quase sempre por iniciativa própria, isto é, segundo o caráter que determina as suas ações e não pelo livre arbítrio do autor; e, finalmente, é uma peça que se presta para pôr em evidência toda a companhia e a harmonia disciplinada de um conjunto em que cada artista dá o máximo das suas possibilidades histrionicas.

"A sombra dos laranjais" é uma aguarela romântica, que decorre entre um sorriso e uma lágrima furtiva. Pode não trazer nada de novo à dramaturgia contemporânea, mas diverte e entenece; cumpre o seu destino, que é menos ambicioso do que se pode supôr. A ação decorre numa pequena cidade do Norte do Brasil, onde as virtudes familiares e os costumes tradicionais se mantêm inalteráveis desde longa data. A vida na chácara assemelha-se à superfície tranquila de um lago, quando uma pedra cai na água e produz uma agitação passageira. A história é simples e humana, verdadeira e comovente. O autor desenvolve-a com inteligência e equilíbrio, recorrendo por vezes a truques de melodrama perfeitamente dispensáveis. A assistência divertiu-se e enterneceu-se, como lhe competia. Que mais é preciso para forjar um êxito?

Eva Todor continua a ser a menina bonita do nosso público. Os seus gestos, as suas exclamações, as suas piruetas provocam a cada passo o riso; a sua frescura alicia, a sua espontaneidade, a sua graça tão peculiar e tão feminina mantêm a platéia em permanente adoração. Pode supôr-se que ela se repete em cada papel que desempenha; preferimos acreditar que são os papéis que se repetem e não a atriz, que já deu provas concludentes do seu belo talento.

Elza Gomes, que já deixara de si excelente impressão nas duas peças anteriores, confirmou ontem por forma iniludível o seu valor. É uma atriz conscienciosa, inteligente, expressiva, de uma naturalidade perfeita, que encarna admiravelmente o conteúdo psicológico dos seus papéis. A platéia do Avenida devia tê-la distinguido ontem com uma chamada especial, como distinguiu Afonso Stuart, que compõe primorosamente o tipo do filósofo desiludido e indulgente, para quem a vida não foi generosa. Esse teve a chamada que merecia. O público aplaudiu-o com invulgar entusiasmo no final de uma cena que ele representou admiravelmente, com emoção, com ternura e até com agilidade física, que seria talvez dispensável para obter o efeito desejado.

André Villon demonstrou, também, ontem, que não é apenas o galã tragalhadancas e bon enfant de comédias ligeiras. Embranqueceu o cabelo, disciplinou o gesto, imprimiu à voz um tom mais grave — e provou ser um excelente ator. Armando Braga pôs na composição dum hemiplégico resignado e afável o mesmo cuidado e a mesma consciência profissional que já lhe havíamos reconhecido. Samaritana Santos, num pequeno papel, deu a medida do seu talento, desempenhando-o com graciosidade e irradiante simpatia. Judite Vargas foi perfeita de naturalidade. Pola Leste e Artur Costa Filho completaram o excelente conjunto, que a platéia do Avenida, mais uma vez, aplaudiu calorosamente em todos os finais de ato, trazendo nas narinas, à saída, o perfume das laranjeiras em flor."



Dulcina, nossa maior atriz dramática, no papel de Saddle Thompson, em "Chuva", um dos maiores sucessos de sua carreira, agora novamente em cena no Regina. Presentemente, Dulcina ensaia "Mulheres", em tradução da escritora Lúcia Benedetti.

GOTAS RADIOFÔNICAS

Por M. G.

Finalmente, após muita espera, Almirante estreou na Rádio Globo. A demora no lançamento da "maior patente do rádio" já andava preocupando o público. Almirante atua agora às segundas e sextas-feiras às 21 horas, e aos domingos às 14 horas no Programa Casé. Às segundas-feiras apresenta o programa "Anedotário das profissões"; às sextas, o "Incrível, Extraordinário, Fantástico", e aos domingos o "Tribunal de Melodias".



Por estes dias deverá partir para os Estados Unidos, México e depois para a Europa, o conhecido locutor César Ladeira. César vai tratar de negócios de sua recém-fundada companhia de televisão, devendo demorar-se, pois irá à França também, e em Paris...



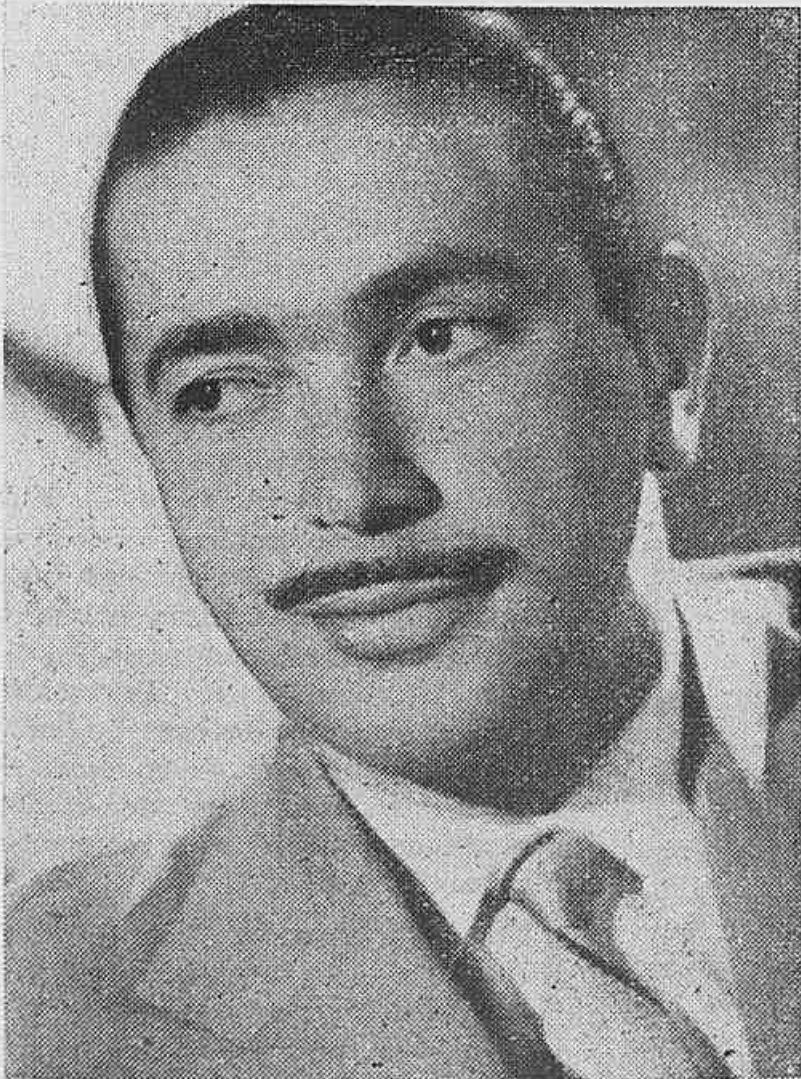
A Tupi prepara-se para lançar a nova fase dos Comandos Tupi, que pararam com a saída de Manuel Barcelos. Carlos Frias será agora o locutor, acompanhado de Edgard de Carvalho e Sebastião Isaias.



Berliet Junior lançou na Mayrink Veiga um novo programa policial, que é irradiado aos domingos. O nome do programa é "Nas garras da lei". Nós aproveitamos para aconselhar muito cuidado ao Berliet, principalmente agora que comprou um carro...



Celestino Silveira, recentemente chegado de Portugal, ainda estava se ambientando ao Rio, quando foi man-



A Mayrink Veiga tem se descuidado dos programas esportivos. A Globo, entretanto, está apresentando um serviço esportivo bem melhorado. Conta a E-3 com uma grande equipe de esportes e com 3 locutores esportivos que agradam: Luis Mendes, Wolner Camargo e Raul Brunini, (que aparece na fotografia acima).



dato de volta para a terra de Camões. Celestino partiu na semana passada e só voltará nos meados do mês. Em Portugal, tratará de alguns detalhes do filme "Castro Alves" e na volta fará uma longa entrevista com a Cia. Portuguesa de Revistas que vem para o Carlos Gomes. Ao que fomos informados, esta entrevista será feita no avião em que viajarão para o Brasil, sendo possivelmente transmitida diretamente.



A Rádio Sequência G-3 agora obedece à orientação de Carlos Medina, sendo apresentada por Osvaldo Robin e Paulo Raimundo.



Iara Sales voltará a fazer rádio-teatro. Desta feita atuará na Rádio Globo, com a qual tem contrato o Trio de Osso. Iara apenas espera que se concluam as negociações com o rádio-ator que formará com ela a nova dupla romântica. E' justamente Paulo Gracindo.



Paulo Sérgio, jovem locutor que é um especialista em crônicas de turfe, depois de atuar na Cruzeiro do Sul e na Globo, assinou contrato com a Continental, a nova emissora de Gagliano Neto.



Décio Luis saiu da Nacional e está nas cogitações da Tupi e Mayrink.



A Rádio Nacional vai lançar, em julho, um programa de cinema. O locutor do programa será Luis Augusto, porém o redator do programa não está escolhido ainda, parecendo que será o nosso confrade Jonald. O horário será das 18 horas às 18,15, às segundas, quartas e sextas-feiras.



Heli Mesquita, que dirigia os jornais da Mayrink, sumiu de repente da circulação. Quando se pergunta sobre o caso na A-9, a turma desconversa...

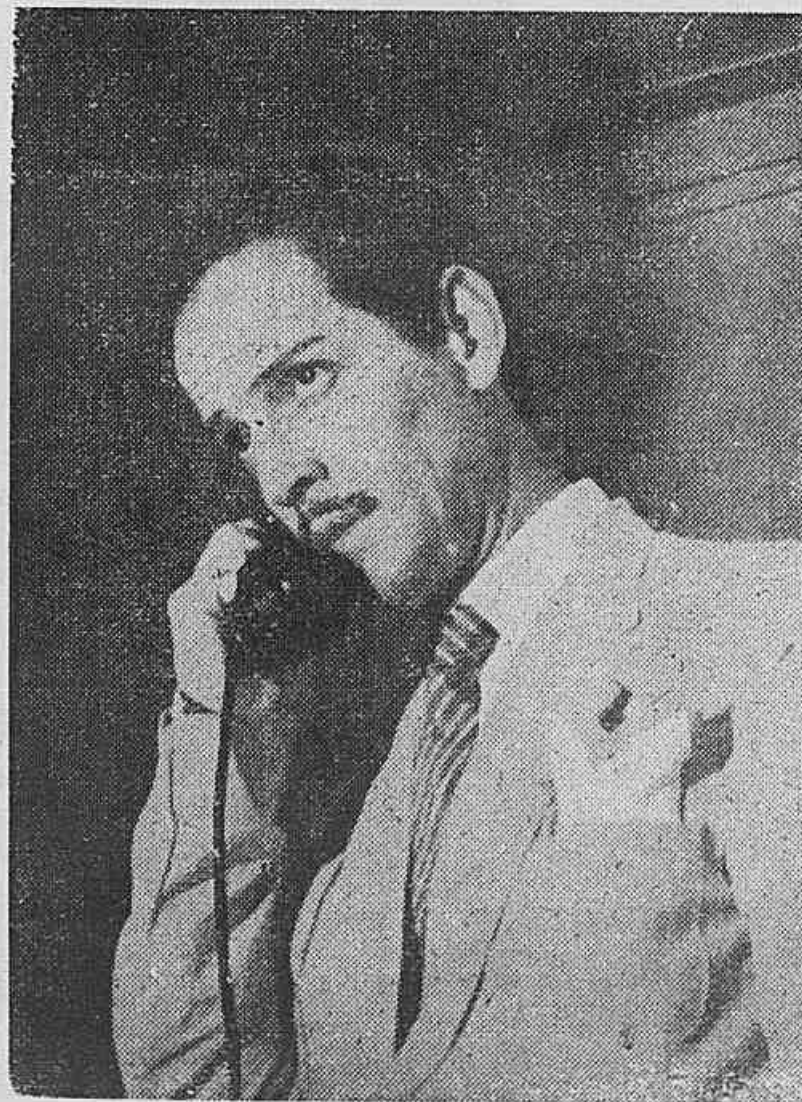


E a Guanabara do Ar? Montou os melhores estúdios que há no momento, os quais vai inaugurar na primeira



IVETTE GIRAUD, da Rádio Nacional

quinzena deste mês. Estúdios perfeitos, construídos especialmente dentro da mais nova técnica. Vejamos agora se vai apresentar programas à altura de suas instalações, porque o que tem feito até o momento é transmitir em português o que há de pior no rádio americano.



Rodolfo Mayer saiu há pouco da Rádio Nacional e que dizia ter abandonado o microfone pelo cinema, assinou contrato com a Rádio Mayrink Veiga. Na mesma ocasião a A-9, contratou Lourdes Mayer e Marlo Lago.

BOA NOITE

Quem vai a Copacabana, ou quem é de lá mesmo, pode ir ao "Rosemarie", que fica satisfeito. Há boa música, bons números e um ambiente agradável. A música, quase em surdina, convida à dança.



A noite ia alta, quase madrugada, os pares dançando, a música envolvendo tudo. Em uma mesa, a americana bebia **whiskey**, não se sabe se com soda ou água pura. A americana bebia o seu **whiskey**, enquanto o companheiro enfrentava um charuto. Os olhos da americana acompanhavam os pares dançando, os olhos da americana morriam na orquestra abafada, os olhos da americana respondiam às perguntas baixinhas do companheiro.

A voz de Edson Lopes encheu a sala. O cantor "colored" tem uma grande voz, e todos sabem corresponder com calorosos aplausos.



Em outra mesa, um rapaz apaixonado conversa com uma jovem morena e linda.

A conversa é uma conversa mole, insistente, pronunciada com palavras tranquilas, enquanto a música enche toda a sala.

O rapaz está apaixonado, e diz palavras bonitas:

— Os seus cabelos são tão lindos, e eu gostaria de acariciá-los calmamente. Seus cabelos foram feitos para a carícia.

— Vem comigo, Arabela, e desperta para a vida

Lewis



EDSON LOPES

RAY MILLAND

(Continuação da pág. 13)

Num ímpeto de raiva, ele assassina sua amiga e tenta atribuir o crime a um homem desconhecido que tinha passado a tarde com a vítima, uma encantadora jovem loura. A fim de levar o pobre homem à prisão, Laughton vai visitar o redator de uma revista policial, Ray Milland, que acha interessante e rendosa a localização de pessoas desaparecidas. Desta vez, porém, seu trabalho requer grande habilidade porque ele é o próprio homem pelo qual se supõe estar ele procurando e por isso, tem que agir com cautela nas malhas de sua própria cautelosidade, a fim de evitar redê.

Há momentos cruciantes no filme "O Relógio verde".

Em "Alma negra", produzida em Londres por Hal Wallis, o principal papel feminino está confiada a Ann Todd que tem por companheira Geraldine Fitzgerald, sendo o galan Ray Milland. Este filme nos conta a história de uma mulher que desce a escada da dignidade e aristocracia da sociedade levada pela paixão por um homem sem caráter e sem escrúpulos. Milland desempenha neste filme um refinado canalha com um passado tenebroso, mas a quem nenhuma mulher pode resistir.

O PROSCRITO

(Continuação da pág. 17)

tenção de perguntar à sua adorada se vira o seu cavalo. Mas para espanto seu, ali estava, à sua frente, Jimmy, em carne e osso, amarrado diante de um bar. Doc correu para junto do animal e acariciou-o.

— Jimmy! Jimmy, meu amigo! Estou contente em vê-lo — exclamou Doc, enquanto o cavalo relinchava alegremente, ao reconhecer o seu dono. — E agora que eu o encontrei...

— Gosta mesmo dele? — interrompeu alguém, subitamente, com voz calma.

Doc voltou-se. À sua frente estava um jovem simpático, de olhos negros e vivos, e usando dois revólveres ameaçadores à cintura.

— Claro que sim. — disse Doc. Suas mãos desceram, vagarosamente, para o cabo dos revólveres. — Sim, gosto dele, amigo. E isso é natural. Ele me pertence...

O jovem enrugou os sobrecelhos, levemente admirado.

— Interessante. Realmente interessante — retrucou ele. — Eu pensava que esse cavalo era meu. Qual é o seu nome, amigo?

— Holliday. Doc Holliday. Talvez já tenha ouvido falar de mim...

Os olhos negros do jovem piscaram por um momento.

— Sim — falou ele. — Já ouvi falar de você, Doc. O meu nome é William Bonney. Mas todos me chamam de Billy, the Kid. Talvez "também" tenha ouvido falar de mim...

Os dois se defrontaram, com as mãos descansando tensamente nos revólveres. Por um instante ficaram em silêncio. Depois, então, riram gostosamente.

— Claro que já ouvi falar de

você — retrucou Doc. — Mas não sabia que se especializava em roubo de cavalos.

— Ouça aqui, Doc, eu nunca roubei um cavalo. Comprei este animal de um desconhecido, perto de Santa Fé.

Doc Holliday observou Billy cuidadosamente. Depois, sorrindo, falou:

— Muito bem. Talvez você tenha razão. Acho que podemos arranjar as coisas. Guardemos Jimmy e bebamos um pouco. O.K.?



Seguindo ao que ficara combinado, eles foram colocar Jimmy no estábulo. Tal como dois homens que procuram ganhar favores de uma adorável dama, eles não despregavam a atenção de Jimmy, e Doc Holliday, a despeito da alegria em rever o seu cavalo, tinha de admitir para si mesmo que Billy ganhara uma grande parte da amizade de Jimmy.

Depois de instalado Jimmy confortavelmente no estábulo, eles voltaram pelas ruas empoeiradas até ao salão, conversando amigavelmente. Homens estranhos eles eram. Eles poderiam matar, rapidamente, se necessário, e trocariam mesmo tiros entre si, se acreditassem que a questão valia a pena; e, apesar disso, de certo modo, eles eram amigos, embora Jimmy tivesse tornado ambos em ferozes rivais. Respeitavam-se mutuamente; um apreciava o outro. Quando chegaram ao salão, pararam repentinamente.

— Mãos ao alto, Billy! — ordenou uma voz.

Era Pat Garrett. Ele estava oculto pela obscuridade, embora pudessem ser vistos dois revólveres em posição de alerta, apontados contra Billy.

— Mas que diabo é isso! — exclamaram Billy e Doc em uníssono.

E Doc continuou em seguida:

— Pat, seu velho chacal. Como conseguiu pregar esse distintivo em sua camisa suja?

Pat estava, realmente, um tanto acanhado.

— Ora, Doc — retrucou ele. — Eles acharam que Lincoln Country devia ter um pouco de lei e ordem para variar e, por isso, me deram o lugar.

Doc grunhiu, aborrecido, mas Bill, que levantara suas mãos, indagou:

— O que é que você tem contra mim, Pat? Sempre fomos amigos.

— Você matou Julio! — retrucou Pat. — E isso é assassinio.

— Uma simples questão de opinião — respondeu Doc.

— Julio provocou tudo — falou Billy, asperamente. — Ninguém mandou levantar o revólver para mim. Ele puxou a arma primeiro. Eles sempre puxam primeiro — disse Pat, lentamente. Depois, tirando um par de algemas do bolso, procurou prender os pulsos de Billy. Para isso, teve de desviar a arma um pouco. Esse seu gesto foi bastante feliz.

Uma das armas de Doc Holliday explodiu e o revólver que Pat sustinha caiu ao solo. Os que estavam no bar, ouvindo o tiro, correram para a porta; quando perceberam a identidade do trio, voltaram apressadamente para dentro do salão, procurando um abrigo qualquer, com receio de maior tiroteio.

— Com um milhão de diabos, Doc! — gritou Pat, abanando a

mão que ficara ferida pelo impacto da bala do seu revólver. — Por que fez isso?

— Ele roubou o meu cavalo — retrucou Doc. — Eu e ele temos um negócio a tratar...

— Eu não roubei aquele cavalo, Doc. E você bem sabe disso!

— Uma simples questão de opinião. E agora vá andando, enquanto eu fico aqui cobrindo a sua retirada. Posso garantir-lhe que o velho Pat não mexerá um músculo. Vê-lo-ei mais tarde, Billy.

Billy olhou para ele e riu gostosamente. Bateu-lhe amigavelmente nos ombros e, depois, desapareceu na escuridão. Correu para o estábulo, porque estava certíssimo de que em breve sairiam em sua perseguição. Na cocheira, quando ia saltar no lombo do cavalo, apenas iluminado por uma bruxuleante lanterna de óleo, ouviu um ruído estranho.

★

Ele não foi bastante rápido, entretanto, para escapar ao violento arremesso de uma faca, que brilhou na luz fraca. A faca rasgou-lhe a camisa e raspou-lhe o ombro, enquanto ele corria contra o seu atacante. Pulou em cima de uma figura obscura, que ia escapar, e lutou durante alguns instantes. O desconhecido lutava como um gato selvagem, arranhando, mordendo, pisando, mas Billy conseguiu livrar-se de suas garras por um momento e, antes que o atacante tivesse tempo de levantar-se, já os revólveres estavam em posição. Mas não houve tiros. Uma expressão de espanto saiu dos lábios de Billy.

Atirado ao chão, num monte de feno, estava o seu atacante. Ou melhor, sua atacante. Sim, era uma mulher. Seus olhos brilhavam na escuridão; seu rosto estava contorcido e ela respirava rapidamente, como um gato pronto para pular em cima de sua presa. Os cabelos desganhados, o vestido rasgado nos ombros revelando a pele alva e excitante e o rosto transformado pela raiva, lhe davam um aspecto desconcertante. Apesar disso, Billy não deixava de reconhecer que ela era um espécime admirável de beleza.

— O que houve com você, menina? — interrogou Billy, sorridente.

— Pode atirar! — gritou ela — É melhor atirar mesmo. Se não me matar, eu terei imenso prazer em exterminá-lo, mesmo se isso for a última coisa que tiver de fazer!

Billy observou-a, realmente admirado.

— Atirar? — repetiu ele. — Mas por que devo atirar? Nem sei por que você me atirou essa faca!

— Julio era meu irmão! — retrucou ela.

— Oh! — respondeu Billy mais aliviado. — Bem, afinal de contas ele teve a culpa. Eu... Bem, eu nem sei o seu nome, menina!

— Rio — retrucou a jovem — Rio Mac Donald. Eu gostava de Julio.

Billy voltou a encarar a jovem, em silêncio. Muitas mulheres tinham passado em sua vida relativamente curta. Mas nunca encontrara uma pequena como aquela. Ao notar os seus olhos brilhantes, os seus lábios vermelhos e úmidos, os seus seios bem feitos, relaxou um pouco. Isso foi o básico.

(Cont. na pág. 30)

PANELINHA

O crítico Mo-niz Viana, do "Correio da Manhã", resumiu algumas verdades sobre o açambarcador Luiz Severiano Ribeiro e seu famoso "trust" cinematográfico. Diz o colunista ter sabido de uma proposta feita a um produtor, mediante a qual o senhor Severiano Ribeiro pagaria àquela, apenas 12% da renda bruta do filme (quando o mínimo que por direito deve caber ao realizador é de 50% da renda bruta). Outras graves acusações são apontadas contra o proprietário do cinema

São Luis, verdadeiro explorador dos produtores nacionais.

Será que a C. C. P. dissolverá esse monopólio? Espere-mos...

★

O. Frank (Oranice Franco), responsável pela seção de rádio de "A Noite Ilustrada" (parabéns pela nova e magnífica orientação), escreveu o seguinte a respeito de Cesar Ladeira: "Agora, como ontem e como ante-ontem, ele está na Mayrink e a velha Mayrink, querendo manter o padrão do rádio antigo, afunda como o maior locutor do Brasil". Pelo tempo que o locutor trabalha nessa estação, deve estar mais do que submerso. Oranice acredita que o velho César não abandona a



CÉSAR LADEIRA — A Mayrink está afundando o locutor n.º 1



AUREA PAIVA desbancou Virginia Lane.

PRA-9 receando perder a estabilidade que dez anos de serviços já lhe garantiram.

★

Pascoal Carlos Magno quando critica tem uma suavidade tamanha que muitas vezes o criticado pensa que recebe elogios. Mas, às vezes o diretor TEB se aborrece. Vejam o que ele diz de Glória Bara, que trabalha no Teatrinho Jardel: — "A sra. Glória Bara devia simplesmente dançar e esquecer-se de que não é cantora. Porque pouca gente canta tão mal quanto ela". Dona Glória, quando o Pascoal diz isto é porque sua voz é um caso perdido...

★

Antes que nos esqueçamos. Vocês sabem que Maria do Céu, a linda filha de Lucia Delor, vai ter um bebê? Por esse motivo é que a criadinha de "O malandro e a granfina" se encontra afastada dos palcos.

★

Outra notícia que nem todos sabem. O deputado Barreto Pinto está escrevendo uma revista teatral para Chianca de Garcia intitulada "O mundo em cuecas". Parece que o representante trabalhista tem o complexo da roupa de baixo.

★

Caro amigo Isaac Fleischman, você sabe o que é um "axioma"? Nós lhe perguntamos porque em sua última reportagem para "Carioca", você começa assim: — "Em Pernambuco, o rádio-teatro tam-

bém é um axioma". Literariamente axioma pode significar "sentença", "máxima", "asserção indiscutível, filosoficamente demonstrada por si mesma. Por exemplo: "duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si". Aprendido isto, meu caro Isaac, não diga mais que o rádio-teatro em Pernambuco é um axioma.

★

Há uns quinze dias Virginia Lane foi atropelada. Substituída, à última hora, Aurea Paiva, no quadro "Linguas", um dos mais bem feitos

da revista. Aurea Paiva "abafou", em graça, beleza, voz e plástica, desbancando a "estrêla" principal, cuja falta não foi sentida, artisticamente. Por que não aproveitar melhor essa jovem beleza que é Aurea Paiva?

★

A festa joanina promovida pela ABR no High Life foi um sucesso! Entre as mais elegantes calpiras, lá estavam Lidia Bastiani, Aimée, Dircinha e Linda Batista, etc. Durante o leilão arremataram para Floriano Faissal uma cueca de seda. Victor Costa arrematou por três mil cruzeiros uma linda mantilha espanhola.

COZINHEIRO



BARRETO PINTO vai voltar de novo às cuecas.

SWINGS, FOXES, BLUES... ETC.

IN OLD CAPISTRANO

De Fred Stryker, Terry Charleston e
Manuel Esperon.

There are gay caballeros
Who wear big sombreros
And live down in old Capistrano.
While they're busy trading,
Your hear serenading
From Pancho's guitar
Down in old Capistrano.
Ay, the town is celebrating.
A senorita's waiting,
To capture your heart
When you see her glancing
Ask her to go dancing.
"Si, si" means romancing,
She'll be your sweetheart.

★

YOUR DAD AND MY DAD WERE, BUDDY

De Bert Kalmar e Harry Ruby.

Your dad and my dad were buddies,
[buddy,
Back in nineteen seventeen.
The debt that we owe them at last can
[be paid.
Cause now we can show them the stuff
[that we're made of.
Shoulder to shoulder we'll stand toge-
[ther,
Just the way that they did them.
Your dad and my dad were buddies,
[buddy,
What they did we'll do again.

★

I WISH I DIDN'T LOVE YOU SO

De Frank Loesser. — (Do filme da
Paramount "Os perigos de Paulina").

After all this time without you,
After all this time I find;
That it's still no use to say to myself,
"Out of sight, out of mind".

Chorus

I wish I didn't love you so,
My love for you should have faded
[long ago;
I wish I didn't need your kiss,
Why must your kiss torture me as
[long as this?
I might be smiling by now with some
[new tender friend,
Smiling by now with my heart on the
[mend;
But when I try, something in that
[heart says "No,"
You're still there,
I wish I didn't love you so.

Melodias para Você



PERRY COMO nasceu em Cannonsburg, no dia 18 de maio e tem cabelos e olhos pretos.

PERRY COMO

Nome verdadeiro: Perry Como.
Lugar de nascimento: Cannonsburg, Pa.
Data de nascimento: 18 de maio.
Cabelo: preto.
Olhos: pretos.
Casado, com Roselle Belline.

Perry Como nasceu num dia 18 de maio em Cannonsburg, uma típica cidade mineira da Pennsylvania, sétimo dos treze filhos de Pietro e Lucille Como, imigrantes italianos.

Fez o curso primário e secundário em sua cidade natal, limpando espelhos e varrendo uma loja nas horas de folga. Embora seus atuais agentes de publicidade insistam para que ele não mencione isso, Perry por sua vez insiste em confessar que aos 11 anos aprendeu a ser barbeiro, e aos 15 já possuía sua própria barbearia. Já nessa época gostava de cantar, embora não tomasse a sério os conselhos que lhe davam para se dedicar à profissão.

Passando um verão em Lorraine, Ohio, ele finalmente consentiu que alguns amigos lhe arranjassem uma audição com Freddie Carolone, que fez dele seu vocalista, com 28 dólares por semana. Era menos do que sua barbearia rendia, mas Perry compreendeu que havia futuro na coisa.

Foi nesse tempo que desposou sua namorada de infância, Roselle Belline, partindo em "tournée" com Carolone quatro dias depois. Durante 18 meses ele viajou com a banda, enquanto Roselle esperava

pacientemente. Perry jurou que nunca mais cairia noutra.

Cantou ainda com a orquestra de Ted Weems até 1942, quando se retirou por não querer mais a vida nômade que as orquestras tinham que levar. Por essa razão rejeitou ofertas de orquestras famosas, como Tommy Dorsey, Guy Lombardo e Horace Heidt, até que lhe ofereceram um programa radiofônico, fixo, em Nova York. Em pouco tempo começou a chamar a atenção do público e em breve estava cantando no granfino Copacabana, com um contrato que de duas semanas passou para 18. Seguiram-se outras aparições em clubes noturnos, um contrato com a Victor Recording Company e finalmente o completo sucesso.

Inevitavelmente, tal triunfo chamaria a atenção dos produtores de Hollywood, e assim pouco depois Perry assinava contrato com a 20th Century-Fox. Depois de "Alegria, rapazes!", o estúdio quis usá-lo imediatamente em outra película, mas seus contratos para aparições pessoais e rádio postergaram sua segunda aventura cinematográfica por quase um ano, quando afinal ficou livre para aparecer em

"Doll Face" e em vários outros filmes da 20th Century-Fox.

Perry, que nunca em sua vida tomou uma lição de canto, foi o único ex-barbeiro a fazer bonito em Hollywood. Com orgulho ele acentua que Enrico Caruso, que "cantava de verdade", também fôra barbeiro no princípio de sua vida.

O simpático cantor mede quase 2 metros, pesa 83 quilos, tem cabelos e olhos negros. Vai ao cinema pelo menos duas vezes por semana, gosta da música de Harry James, da voz de Dinah Shore e Bing Crosby, de filé mal passado, "spaghetti" e gente sincera. Não é supersticioso nem tem pressentimentos. Diz que é fatalista de mais para acreditar neles. Gosta de cachimbos, dos quais tem uma grande coleção. Quando tem tempo joga golfe, nada e dança.

OS "MELHORES" DA MÚSICA POPULAR NORTE-AMERICANA

Em recente concurso realizado por uma revista norte-americana, a fim de averiguar as preferências do público em matéria de música popular, foram estes os resultados obtidos na apuração final:

Melhor disco — "Peg of my heart", pelos "Harmonicats".

Melhor orquestra — a de Eddy Howard.
Melhor vocalista feminino — Jo Stafford.

Melhor vocalista masculino — Perry Como.

Melhor conjunto vocal feminino — Andrew Sisters.

Melhor conjunto vocal masculino — Ink Spots.

★

PROTEÇÃO PARA A MÚSICA BRASILEIRA

Em Porto Alegre, foi iniciado um grande movimento de artistas do rádio a fim de pleitearem, junto à Assembléia Legislativa, o encaminhamento de um pedido ao Congresso Nacional para legislar no sentido de ser dado um amparo aos direitos dos compositores de música radiofônica. Encabeçando esse movimento estão figuras destacadas do "broadcasting" gaúcho, contando o movimento com o apoio de 63 elementos das emissoras locais, visando, entre outras reivindicações, conseguir das estações de rádio a obrigatoriedade de irradiar pelo menos cinquenta por cento da música de compositores nacionais de todos os gêneros, como o clássico, câmara, sinfônico, folclórico, popular e regional.

Pleiteiam, ainda, os compositores de rádio que o projeto de lei a ser encaminhado ao Congresso crie um selo de direitos autorais, a fim de evitar a repetição de fatos lamentáveis frequentemente registrados, alguns, ao que parece, transitando até pelos tribunais.

Esperam os compositores gaúchos obter o apoio de todos os colegas do Estado para, depois, se dirigirem à Assembléia Legislativa, constando que logo após estimularão os colegas de todo o Brasil, no sentido de apoiar iniciativa semelhante, em maior escala.

(Celestino Silveira — "O Globo")

CURSO DE APRECIÇÃO MUSICAL

Os "Cursos de Apreciação Musical", de indiscutível utilidade não só para os alunos de música como também para as pessoas que desejam aprimorar e ampliar sua cultura artística, constituem, hoje, uma das mais seguras formas de difundir, de maneira leve e atraente, os conhecimentos gerais da difícil arte dos sons. Atendendo a diversos apelos nesse sentido, a professora Helza Camen resolveu abrir um "Curso de Apreciação Musical", que se destinará a ouvir, apreciar e compreender. Ao aluno, ao amador, ao frequentador de teatro e salas de concerto é oferecido o referido curso, que visa, justamente, dar-lhes, em linhas gerais, a noção das formas, mostrando-lhes as modificações por que podem passar. Eis os pontos que serão tratados no citado curso: hinos: forma, espécie; danças: formas, gêneros; canções: formas, tipos, épocas; formas instrumentais derivadas das danças; formas musicais originadas nas danças; formas instrumentais, formas nacionais e internacionais; sonata, música de câmara; concertos e sinfonia. As informações sobre este curso podem ser obtidas na Secretaria do Conservatório Brasileiro de Música, à avenida Graça Aranha, 57, 12º pav., diariamente, das 9,30 às 13,30 e das 14 às 18 horas.



AS ANDREWS SISTERS, que em recente concurso realizado nos Estados Unidos foram consideradas como o melhor conjunto vocal feminino.

SAMBAS, MARCHAS ETC.

MODA DA MULA PRETA

De Raul Torres.

Eu tenho uma mula preta
tem 7 parmo de artura.
A mula é descanelada
tem uma linda figura.
Tira fogo na carçada
no rampão da ferradura.
Com a morena delicada
na garupa, faz figura.
A mula fica enjoada
fica só de anca dura.

O ensino na criação
veja quanto que regula,
O defeito do mulão
eu sei que ninguém carcula.
Moça feia e marmanjão
na garupa a mula pula
chega a fazê cerração
todos pulo dessa mula
Cabra muda de feição
sendo preta fica fula.

Eu fui passeá na cidade
só numa vorta que eu dei,
a mula deixô saudade
nos lugá onde eu passei.
P'ro mulão de qualidade
quatro conto eu enjeitei.
Pra dizê mesmo a verdade,
nem sastifação eu dei.
Fui dizendo boa-noite,
p'ra minha casa vortei.

Sortei a mula no pasto,
veja o que me aconteceu,
uma cobra venenosa
a minha mula mordeu.
Com o veneno dessa cobra
a mula nem se mexeu,
só durou umas quatro horas
depois a mula morreu.
Acabou-se a mula preta
que tanto gôsto me deu!

★

PALHAÇO (Samba-canção)

De Adolar Costa e Erasmo Silva.

Palhaço
O manto da fantasia
Disfarça a melancolia
Do teu mundo interior.
Palhaço
Infelizmente eu conheço
Tua vida pelo avesso
Tua mágoa tua dor.

No teu riso de amarguras
Vais mentindo às criaturas
Que não sabem refletir.
Gargalha... cunre o dever
Elas pagam para ver
O seu palhaço mentir.
Não te aborreças comigo
Eu quero ser teu amigo
E quero ver o teu bem.
Gargalha... não te lamentos
Eu conheço a dor que sentes
Eu sou palhaço também.

O PROSCRITO

(Cont. da pág. 24)

tante para que ela se atirasse em busca de sua faca, caída ao solo.

— El! Nada disso! — gritou Billy. — Não tente repetir essa façanha!

Billy, que colocara seus revólveres na cintura, estava segurando os punhos da jovem e torcendo a mão que apanhara a faca. E continuou torcendo, a contragosto, até que ela gemeu e deixou cair a arma. Lágrimas inundaram os seus olhos e, então, a rigidez e a tensão abandonaram o seu corpo. Deixou-se cair no monte de feno, soluçando levemente. Não ofereceu a menor resistência quando Billy tomou-a em seus braços, carinhosamente.

— Não faça isso, menina... — disse ele. — Não chore...

A alvura dos ombros da jovem prenderam a atenção de Billy. Um súbito calor invadiu-lhe o corpo e, lentamente, apertou-a mais contra o seu peito e beijou seus lábios vermelhos. E voltou a beijá-la mais uma vez. E só parou quando ela pediu:

— Não! Não faça isso! Não!

Mas não havia qualquer ferocidade em sua resistência e, quando conseguiu livrar-se de seus braços, observou Billy, de um modo estranho. O bandoleiro deixou-se ficar na meia luz reinante, alto, espigado, simpático, com as feições quase ocultas pelas trevas e os olhos piscando sob os raios da lanterna. Durante um minuto, ela continuou a olhá-lo; depois, então, voltou-se abruptamente e desapareceu na obscuridade.

Billy procurou segui-la; mas ficou alerta. Na direção do centro da aldeia vinham gritos de revolta. Ele conhecia muito bem esses gritos. Já fora perseguido muitas vezes. Rapidamente, selou Jimmy, passou-lhe as rédeas sobre a cabeça e montou no fogoso animal. Agilmente, então, tomou a estrada que saía da aldeia.

Galopou em direção das montanhas, em direção da montanha de Sangre de Cristo. Quando saiu da estrada e ia galgar uma colina, um cavaleiro surgiu por detrás de uma árvore.

— Billy! — gritou o cavaleiro. — Billy!

Era Doc Holliday. Eles se reuniram e continuaram a galopar juntos.

— Onde conseguiu esse cavalo? — indagou Billy.

— E' de Pat. Roubei-lho.

— Resolveu então também roubar cavalos, hein, Doc?

— Uma simples questão de opinião — respondeu Holliday.

— Que tal se parássemos um pouco, agora?

★

Doc Holliday olhou para Billy e respondeu:

— Ouça aqui, rapaz. Dificilmente se consegue enganar o velho Pat. Portanto, é preciso ter cuidado. Devemos caminhar muito mais ainda.

E eles caminharam mesmo. Durante toda a noite continuaram a viagem em direção à cristã da montanha de Sangre de Cristo, que, apesar de tudo, entretanto, estava há muitas milhas de distância. Ao amanhecer, chegaram a uma enorme pedra, que parecia uma sentinela avançada na encosta da montanha.

— Território de índios — disse Billy, sombriamente.

— Sim, mas eles não estão fora de suas barracas... eu acho. Os Apaches têm sido vistos mais a oeste. Acampemos aqui mesmo.

Sem muita pressa, eles acamparam: os cavalos, cansados, ficaram a pastar a relva verdejante, que se apresentava em lugares esparsos. Doc e Billy acenderam um pequeno fogo e trataram de cozinhar o almoço. Sobre a fogueira, eles se entreolharam.

— Ouça, Billy — disse Doc. — Você sabe muito bem que Jimmy me pertence. Agora que eu o tirei daquela complicação, ontem à noite, acho que podemos conversar a respeito.

Billy parou de mastigar, durante um momento.

— Ele me pertence! — retrucou o jovem, friamente.

— Billy — continuou Doc, desta vez num ameaçador tom. — Eu não quero vê-lo enforcado; na realidade, não quero que nada lhe aconteça, rapaz. Compreende?

— Sim... — grunhiu Billy num tom igualmente perigoso. — Eu compreendo. Mas é melhor você entender uma coisa, também nada me vai acontecer, Doc!

Eles estavam sentados diante do fogo, de pernas cruzadas, e davam a perfeita impressão de duas panteras prontas para dar o salto de morte. Tinham a boca cheia de alimento, mas os punhos estavam tensos; seus olhos não se afastavam um do outro. Foi Doc quem quebrou aquele momento de nervosismo.

— Isso é uma questão de pinhão — disse ele, apanhando outro pedaço de presunto. — Eu acho que o melhor a fazer, agora, é dormir um pouco. Estamos cansados. Quem ficará vigiando, primeiro?

— Tiraremos a sorte — falou Billy. — Aquê! que tirar o primeiro às ficará de vigília.

Doc puxou um baralho de cartas de dentro do casaco. E o jogo começou. Foi ele mesmo quem tirou o ás.

— Pode deitar, rapaz — murmurou Doc, enquanto tirava o fuzil da sela. — Ficarei de alerta até o meio-dia.

Billy suspirou, aliviado, meteu-se debaixo de um cobertor e dormiu quase instantaneamente.

Doc Holliday apagou a fogueira, enterrou as cinzas e os restos de comida no solo arenoso, subiu numa pedra proeminente e observou o vasto panorama que podia divisar daquele ponto. Isso era justamente o que havia de estranho naqueles dois homens: nenhum deles desconfiava da palavra do outro. Nunca ocorreu a Billy que Doc Holliday pudesse apañá-lo, enquanto dormia; nem esse pensamento também ocorreu a Doc Holliday.

A manhã se foi esgotando, lentamente; e o sol subiu para o zenite. Doc Holliday poderia ser até uma parte da montanha de pedra, tal a imobilidade em que se encontrava. Mas seus olhos de águia estavam vivos e alertas. Alertas na expectativa de ver surgir a poeira levantada pelo grupo de Pat Garrett ou, então, uma coluna de fumaça que seria um sinal de índios Apaches.

Quando o sol atingiu o seu ponto máximo e começou a descer, Doc Holliday acordou Billy, deitou-se por sua vez enquanto o rapaz fi-

cava de guarda. O dia se esgotou. Mas Billy não era tão bom vigilante quanto seu companheiro: afinal de contas, era muito mais moço. O jovem se deixou prender pelo sono e isso foi desastroso.

De baixo da colina veio o roncar seco e violento de um poderoso fuzil; Billy gritou, roou a pequena rocha, enquanto Doc imediatamente acordava em busca do seu próprio fuzil. Balas espoucavam em todos os pontos expostos de terreno em torno da rocha; Doc puxou Billy, que ficara gemendo no solo, para um abrigo mais seguro e, em seguida, arranjando uma boa posição, devolveu o fogo com o seu fuzil.

Sua arma metralhou várias vezes, com resultados satisfatórios. Em breve, o grupo de Pat Garrett não tinha mais organização diante daquela chuva de balas. Sob proteção, eles continuaram a atirar, embora o seu fogo, agora, fosse apenas esporádico.

— Billy — chamou Doc.

— Estou bem — respondeu Billy, irritado. — Logo agora eu fui dormir!...

— Isso é desaconselhável, principalmente com o velho Pat. Ele é hábil. Onde você foi ferido?

— Na perna. Um ferimento profundo, bem alto, perto da virilha.

Doc Holliday voltou-se e olhou para o rapaz. O rosto áspero de Billy estava sem cor e Doc, observando rapidamente para baixo da colina, a fim de verificar os movimentos dos inimigos, correu para o lado do jovem. Tirou-lhe as calças e cortou-lhe a roupa de baixo no lugar do ferimento. A ferida sangrava horrivelmente.

Doc tirou uma bala de seu cinturão e entregou-a a Billy.

— Pode mordê-la, rapaz. O que eu vou fazer vai doer muito.

Billy colocou o projétil entre os dentes. Procurou não gritar, mas assim mesmo diversos gemidos escaparam de seus lábios. Doc, com perícia, conseguiu realizar o seu intento. Munido de uma faca, retirou a bala que se introduzira nas carnes do companheiro. Depois, derramou um pouco de whiskey sobre o ferimento para desinfetá-lo, e, em seguida, pôs uma forte atadura na perna do rapaz. Apesar de tudo, ainda sangrava muito...

— Como está a ferida, Doc?

— Em péssimo estado. Precisamos sair daqui.

Holliday voltou para o seu ponto de observação e viu que, diante do silêncio momentâneo, os comandados de Pat estavam outra vez galgando a montanha. Com mais alguns tiros de fuzil — tiros certos, aliás — fê-los recuar em desordem.

A situação permaneceu assim até o anoitecer, quando Doc, sob a cobertura protetora da noite, selou os dois cavalos. Colocou Billy diante dele, em cima de Jimmy, e amarrou atrás o cavalo que roubara de Pat.

Doc Holliday cavalgou obliquamente pela encosta da montanha até um determinado ponto; depois, então, voltou-se e se dirigiu para Lincoln.

— Parece que enganamos o pessoal, Billy — disse ele. — Eles não se lembrarão de nos procurar em Lincoln... eu espero...

Billy, entretanto, não restouse. Desmaiara.

★

Quando Doc Holliday chegou a

Lincoln, dirigiu-se para o bairro mexicano, mergulhado agora na escuridão, até chegar a uma certa casa. Tirou Billy de cima do cavalo e bateu à porta, até que esta foi aberta por uma velhota que o observou malevolamente à luz de um lampeão. Atrás dela estava Rio Mac Donald. Doc passou apressadamente pela velhota e pela jovem e foi colocar Billy numa cama, num dos quartos.

— Rio, — disse ele, — conserve-o bem aquecido e limpe sua ferida. E' na virilha e está sangrando muito. Se ele perder a temperatura, poderá considerar-se perdido. Preciso partir, agora. Você e tia Guadalupe terão de tratá-lo bem.

Depois, mudando o tom da voz, Doc tomou Rio em seus braços, com vigor.

— Ontem à noite eu vinha vê-la — disse ele — mas... Bem, preciso ir agora. E espero que você cumpra as minhas ordens, Rio...

Doc Holliday beijou-a, ardentemente. Rio, de fato, era a jovem que Doc ia ver, quando encontrara Jimmy.

Rio olhou para Billy e, depois, para Doc. Seus olhos brilharam de modo estranho. Doc, nesse momento, já estava saindo.

— Não, Doc! — gritou ela, desesperada. — Não vá!

Mas já era tarde. O astuto cavaleiro já partira. Uma vez mais, estava montado no seu querido Jimmy, trazendo de reboque o corcel de Pat Garrett.

Rio voltou ao quarto e observou Billy, friamente. Com as mãos tensas, apanhou uma faca afiada e fez menção de enterrá-la no jovem.

— Tal como uma criança — murmurou tia Guadalupe, olhando para o bandoleiro inerte. — Julio também era assim.

Quando Rio viu as mãos ossudas da velhota se aproximarem da garganta de Billy, afastou-a de um puxão e, como por encanto, sua atitude se transformou. Com decisão, começou a cortar tiras de pano da camisa de Billy para servir de ataduras.

— Apanhe um pouco d'água quente! — ordenou ela a tia Guadalupe e, quando a velhota saiu resmungando, a fim de trazer o que ela pedira, Rio ajoelhou-se junto à cama e acariciou a cabeça de Billy. — "Pobrecito!" — disse ela, beijando-o carinhosamente. — Você precisa ficar bom! Precisa ficar bom!

Rio tratou o ferimento com cuidado, lavando-o repetidas vezes. Doc Holliday não sabia disso, mas Billy não somente tinha roubado o seu cavalo — embora ele já estivesse outra vez de posse do animal — como também lhe conquistara a namorada.

Rio conseguiu parar o sangue da ferida. Sentou-se junto à cama de Billy, observando-o. Em seu delírio, ele a reconheceu e chamou por seu nome. E quando a chamou, seus braços rodearam lentamente sua cintura e ele a fez aproximar, beijando-lhe então os lábios apaixonadamente. Mas a febre estava muito alta. A despeito das toalhas frias, na cabeça, a despeito de tudo que ela podia fazer, a febre continuou subindo. Billy, então, passou a gemer.

— Rio! — gritou ele, desesperadamente. — Rio!

— Traga-me o sacerdote! — pediu Rio à tia Guadalupe. — Parece que...

— Isso é bom — murmurou a velhota, impiedosamente. — Julio também tremeu assim...

— Traga-me o sacerdote!

Quando o padre chegou, ela o levou ao quarto. Depois, pediu:

— Case-nos, padre. Case-nos, por favor. Eu sei que esse seria o desejo de Billy.

Lentamente, o padre começou a cerimônia. Realizou o casamento e deu a extrema unção ao bandoleiro. E, depois, saiu.

Billy, que automaticamente repetia o que Rio lhe dissera, durante a cerimônia, ainda tremia horivelmente.

— Eu o aquecerei, querido! — disse ela, piedosamente. — Eu o aquecerei, meu marido.

Rapidamente, despiu-se e deitou-se na cama, ao lado do jovem. Tomou-o carinhosamente em seus braços para que o seu corpo aquecesse o dele, para que o seu calor lhe desse vida, enquanto rezava baixinho.

★

Billy não morreu. Gradualmente, a febre foi descendo e ele parou de tremer. Depois da tormenta, pôde dormir em paz. Um sono reparador. Durante dois dias ele dormiu, exausto pela febre sem saber onde estava, enquanto Rio, sempre vigilante, não abandonava noite e dia o seu lado. E quando Billy, acordando e sentindo-se mais forte, ali a encontrou ao seu lado, não fez qualquer pergunta a respeito. Conforme se foi fortalecendo, também cresceu a sua admiração pela jovem, que parecia adorá-lo.

Finalmente, um dia, Doc Holliday voltou. Chegou montado em Jimmy, trazendo ainda o cavalo de Pat Garret. Entrou na casa sem bater. Tia Guadalupe, sentada junto ao lampião, na sala de estar, olhou-o com terror e, depois, apreensivamente, para o quarto. Doc compreendeu aquele olhar e abriu violentamente a porta do quarto.

Lá, na cama, estavam Rio e Billy. Holliday transformou-se de súbito. Suas mãos agarraram os dois revólveres, na cintura, e ele gritou, ameaçador:

— Levante-se!

Quando Billy, atônito, obedeceu, ele continuou:

— Vista a sua roupa! Primeiro o meu cavalo; agora minha pequena! Vamos para fora! Não quero desarrumar esta casa com um assassinio!

★

Billy, realmente surpreendido, protestou:

— Ouça, Doc. Eu não sabia...

— Não há razões para discórdias — retrucou Rio, com um olhar de triunfo. — Nós estamos casados!

— Casados!!!

A exclamação veio simultaneamente de Billy, tia Guadalupe e Doc. Todos estavam admirados. Por isso, Rio explicou:

— Eu tive a culpa, Doc. Toda ela. Ele não sabia o que eu estava fazendo, pois delirava em febre.

— Casado! — disse Billy, prendendo a respiração. A compreensão foi lenta e ele a recebeu com emoções diversas. Billy tinha uma vaga idéia sobre o que significava o casamento; sabia que era qualquer coisa que unia duas pessoas indefinidamente. E Billy nunca apreciara esses laços prisioneiros,

— Sua traidora imunda! — grunhiu Doc Holliday. — Você...

O lado cômico da questão, subitamente, tomou-o de assalto e por isso mesmo pôs-se a rir, calmamente.

— Casado! Rapaz, ela o colocou numa camisa de onze varas! Bem, acho que você não pode ficar, ao mesmo tempo, com o meu cavalo e minha pequena. Mas sou bastante bom para lhe dar uma oportunidade. Pode escolher, Billy. Ou o cavalo, ou Rio...

Billy estava realmente aborrecido. Lentamente, olhou para Rio. Ela sorriu-lhe, ansiosa, aguardando sua decisão. Depois, ele lançou um olhar vago para tia Guadalupe e estremeceu levemente. Em seguida, já decidido, voltou-se para Doc e respondeu:

— Com mil diabos, Doc. Esta é uma questão fácil de resolver. Fico com Jimmy, o cavalo!

Rio gritou um pouco, enquanto Doc Holliday ria a bom rir. Depois, encolhendo os ombros, Doc falou:

— Bem, vamos tratar de partir. O velho Pat não demorará muito em vir perguntar a Rio sobre o nosso destino. Vamos, Rio, arranje-nos um pouco de comida e encha os nossos cantis.

Nem Billy nem Doc repararam no ódio mortal que estava estampado nos olhos de Rio; ela fez o que Doc lhe tinha ordenado, sem dizer uma palavra e sem atentar uma só vez os seus olhos ameaçadores de Billy.

Os dois cavaleiros montaram em seus corseis e Billy, sorrindo alegremente por encontrar-se outra vez montado em Jimmy, abanou o chapéu para Rio e disse:

— Obrigado, beleza! Talvez eu ainda volte!

Mas a jovem não disse nada; somente seus olhos falaram e Billy, naturalmente, nada notou. Depois, então, ele e Doc desapareceram na curva da estrada.

Billy e Doc Holliday fugiram de Lincoln, desta vez em direção ao deserto, mas Pat Garrett não estava longe, agora. Decidido, determinado, Pat tinha, desta feita, um grupo de auxiliares maior e todos com montarias para renovar de quando em vez. Incansavelmente, com um andarilho índio para auxiliá-los, eles procuraram Billy e Doc em todos os pontos possíveis.

★

Durante dois dias eles cavalgaram e na manhã do terceiro pararam à sombra de um grupo de árvores, cansados e sedentos. Os seus cantis estavam esgotados; restavam apenas dois que Rio enchera. Billy abriu avidamente um deles e levou-o aos lábios. Mas cuspiu fora o seu conteúdo. Em vez de água, estava cheio de areia!

Doc Holliday, observando, inspecionou o cantil que carregava, com o mesmo resultado. Rio ficou realmente magoada com a atitude de Billy.

— Ela nos atraícion! — grunhiu Billy. — Traidora imunda! Queria que morrêssemos de sede no deserto!

— Você escolheu o cavalo — murmurou Doc, repreensivo. — Acho que ela tem toda a razão de fazer o que fez...

Os olhos de Billy, entretanto, eram dois pontos em chamas.

— Vou castigá-la por isso! — disse ele, com a voz branda. Isso

(Cont. na pág. 33)

AS COTAÇÕES DA SEMANA

0 — PÉSSIMO ★ 1 — REGULAR ★ 2 — BOM ★ 3 — MUITO BOM ★ 4 — ÓTIMO

ESTRANHA FASCINAÇÃO

(I WALK ALONE)

Cotação artística: 2



Cotação comercial: 2

Produção — Paramount (Hal B. Wallis).

Direção — Byron Haskin.

Fotografia — Leo Tover.

Música — Victor Young.

Intérpretes — Lizabeth Scott, Burt Lancaster, Kirk Douglas, Wendell Corey, Kristine Miller, Georges Rigaud e outros.

Valor artístico — Apesar de não possuir uma história da qual se possa fazer vastos elogios, este "Estranha fascinação", entretanto, salienta-se pela direção segura (sem ser uma grande direção) de Haskin e pela grande qualidade da fotografia de Leo Tover. O filme é um policial elegante, com uma música de fundo com trechos de grande beleza. A interpretação, a cargo de atores conhecidos, aparece sem rasgos de grandiosidade. Todos, com exceção de Lizabeth Scott — mal aproveitada e repetida — estão seguros nos seus papéis. Liza, uma linda mulher e uma boa atriz, está sofrendo a exploração dos produtores: é sempre a mesma mulher, e isso é uma tragédia para aqueles que acreditam na sua arte.

Valor comercial — No gênero, é um filme capaz de agradar. Há cenas de grande realismo e brutalidade, e os amantes de filmes do gênero darão pulos de satisfação.

Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE ÍNTIMA.

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

Correio da CENA

Sr. Redator:

Como leitor assíduo e sincero admirador desta querida revista, não posso deixar de enviar minha impressão acêrca da nova fase da mesma. Já que atualmente o papel se presta tão bem para fotografias, por que não fazer voltar as antigas seções "Para o álbum do fã" e "Caras e caretas"? Quanto a esta última, poderia voltar um pouco modificada, isto é, apresentando apenas 4 "astros" em foco, dispostos nas páginas de maneira idêntica à antiga seção "Arca de Noé". Por sua vez, esses 4 "astros" não seriam todos americanos, e, da esquerda para a direita, apresentar-se-iam do seguinte modo: um "astro" de Hollywood, um do cinema europeu, outro da cinematografia latino-americana e, por último, um "astro" do cinema nacional. Confesso que estou decepcionado com as "Cotações", que antigamente criticava todos os filmes da semana e atualmente só critica um, o que é inacreditável. Além disso esta seção aumentaria o interesse se os filmes criticados fossem acompanhados de fotografias dos mesmos. Também confesso que já estou saturado da americanização desta revista, isto é, a preferência pelos "astros" americanos, até mesmo os medíocres, no lugar dos talentosos europeus, latino-americanos e principalmente os brasileiros. Por isso faço um veemente pedido para que se inicie uma seção permanente sobre o cinema nacional, e confessar-me-ei um milhão de vezes agradecido se A CENA publicar as capas e reportagens sobre: Virginia Lane, Heloisa Helena, Nelma Costa, Mary Gonçalves, Lourdinha Bittencourt, Rosa Radi, Olga Latour, Alma Flora, Laura Suarez, Vera Nunes, Emilinha Borba, Maria Della Costa, Alexandre Carlos, Anselmo Duarte, Orlando Guy, Jardel Filho, Sandro Polônio, Rodolfo Mayer, Aimée, Madeleine Roray, Iracema Vitória... Desde já muito obrigado se forem publicadas as referidas capas.

Luis Silveira — Rua Alberto Tôrres nº 4, Salvador, Bahia.

Sr. Redator:

Creio ser indispensável dizer que A CENA é a melhor revista cinematográfica do Brasil, visto que a mesma nos põe a par de todos os acontecimentos do cinema e que, além de atender prontamente os seus leitores, ainda procura melhorar a organização da tão querida revista. Aliás, foi o que aconteceu há pouco tempo. Assim sendo, aproveito a ocasião para felicitar os autores de tão brilhante idéia.

Portanto, sendo eu uma fã e colecionadora de A CENA, venho também, como os demais leitores desta revista, solicitar a atenção de vv. ss. para com os pedidos que transcreverei abaixo:

Primeiramente, gostaria que publicassem as fotos dos seguintes artistas: Victor Mature, Larry Parks e James Mason. Em seguida os cine-romances "Fury at Furnace" e "Dawn to Earth".

Sei que a fotografia de James Mason é um tanto difícil, pois parece-me que ultimamente ele não tem trabalhado, porém é confiante no espírito tolerante de vv. ss. que me atrevo a proceder dessa maneira, e não nego dizer que tenho a certeza de que vv. ss. me atenderão prontamente.

Albertina Nazareth (S. Paulo)

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, DO I.B.E.C.C.

Reuniu-se a Comissão Nacional de Folclore, sob a presidência do sr. Renato Almeida, seu secretário geral. A Comissão congratulou-se com o maestro Vila Lobos pela sua eleição para o Instituto de França e registrou os votos pelo êxito da missão do deputado Gilberto Freyre, na reunião de sociólogos que a UNESCO promove em Paris. O sr. Herbert Serpa fez uma comunicação sobre o registro de atividades indigenistas e anunciou que estão em conclusão os trabalhos de 1947, inclusive o Vocabulário e Gramática da língua "Ia-tê", dos índios Fulniô, de Aguas Belas (Pernambuco), pelo professor Max Henri Boudin, os de organização social e familiar dos índios Cadieus e outros sobre lendas e aculturação desses remanescentes dos Guaicurus, pelo sr. Darcy Ribeiro.

Em seguida, a Comissão ouviu o relatório do dr. Pedro Gouveia Filho, que estuda a parte relativa ao cinema, na proposta do prof. Brasília Itiberê, sobre a Função Educacional do Folclore no Cinema e no Rádio, que conclui por indicar uma série de medidas, que mereceram unânime aprovação, tais como um curso, de que se incumbiria o Instituto Nacional de Cinema Educativo, para os folcloristas aprenderem o manejo da câmara cinematográfica, a fim de obter rendimento útil na sua documentação; uma campanha de esclarecimento junto aos produtores nacionais, para evitar a deformação do folclore, apresentado em filmes, organização de argumentos para filmes folclóricos, com indicação das fontes, para servir aos produtores nacionais; e influir junto aos membros da Comissão de Censura do D.F.D.P. para que não concedam licença a filmes que deturpem as fontes originárias do folclore brasileiro, pondo à sua disposição um consultor especializado. No debate, foi focalizada também a importância do disco, que é porventura um dos maiores fatores da deformação da folclórica brasileira.

A srta. Cleofe de Matos leu seu parecer sobre uma consulta do folclorista português Armando Leça, relativamente ao canto popular a três vozes, concluindo que, no Brasil, se aparecem casos, são esporádicos e excepcionais.

Por proposta do sr. Renato Almeida, foram eleitos membros correspondentes: no México, Vicente T. Mendoza; na Itália, Raffaele Corso.

A Comissão considerou ainda a organização de um questionário para um inquérito folclórico no Brasil e a Semana Folclórica, a realizar-se em agosto próximo.



O grande restaurador dos organismos
DEBILITADOS, CLORÓTICOS,
ANÊMICOS, DESNUTRIDOS.
Regenerador do sangue.

HEMOGLOBINA
GRANADO

Preparado com
hemoglobina pura retirada do
SANGUE DE BOVINOS.

VINHO
E
XAROPE



AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfana esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Gôtas radiofônicas

Heber de Boscoli prepara-se para apresentar uma grande atração em julho, no Trem da Alegria. Ao que apuramos, trata-se de Vicente Celestino...



Paulo Tapajoz já se encontra novamente trabalhando no Departamento de Broadcasting da Nacional. Max Nunes, que foi contratado já há algum tempo pela E-8, até agora nada apresentou. Será que o estão conservando na geladeira? E o "Show E-8 ou ci-tenta" que ele ia apresentar?

THE OUTLAW

(Cont. da pág. 81)

era mau sinal em Billy! — Vou ensinar a essa mestiça a não brincar mais com fogo! Voltarei agora mesmo para Lincoln!

— Quanto a mim, nunca matei uma mulher — respondeu Doc, lentamente. — Traz má sorte...

— Minha sorte nunca é má

— Isso é uma questão de opinião — retrucou Doc.

Billy, entretanto, não esprou mais palavras. Partiu imediatamente, galopando em direção a Lincoln.

Doc Holliday continuou sentado, ali, no mesmo lugar, curiosamente calmo. Ele estava pensativo. Por que, pensava ele, gostava tanto de Billy? E por que deixava o rapaz fazer tudo isso com ele, coisas que nunca aturara de outros? Talvez, continuou ele pensando, era porque não tinha muito tempo de vida e, antes de abandonar este mundo, queria fazer pelo menos um bom serviço. Talvez, de qualquer modo, ele, Doc Holliday, pudesse regenerar Billy, the Kid. Pensou, então, em Rio; e sorriu. Doc conhecia uma ou duas coisas sobre a natureza humana. Estava certo de que Billy e Rio saberiam entender-se...

Momentaneamente, ele voltou à realidade e viu, a oeste, uma coluna de fumaça no horizonte, nas montanhas. Logo depois, muitas milhas além, uma outra coluna de fumo respondeu. Os Apaches, então, estavam tramando qualquer coisa, embora ainda estivessem muito afastados.

Com lentidão, então, Doc Holliday se dirigiu com o cavalo de Pat Garrett para um poço que não

se encontrava muito longe. Não demonstrava qualquer sinal de alerta. Nem se sentiu surpreendido quando, ao rodear um grupo de pedras, ouviu uma voz familiar dizer:

— Mãos ao alto, Doc!

— Está certo, Pat — respondeu ele, amavelmente. Depois que Pat retirou-lhe as armas, ele perguntou: — Onde estão os seus companheiros?

O rosto de Pat abriu-se, num sorriso:

— Enviei-os para outra trilha. Tinha quase a certeza de que você viria nesta direção e queria ter o prazer de prendê-lo, pessoalmente. Onde está Billy?

— Ele voltou para Lincoln, à procura de Rio — sorriu Doc.

— Lincoln! Rio! Mas esse rapaz...

— Não se afobe tanto, Pat. Vamos até o poço, beber um pouco d'água. Estou morrendo de sede. Você apanhará Billy. Ele não é realmente muito esperto...

Doc e Pat partiram em direção ao poço. Embora as pernas de Doc estivessem presas à sela, como precaução, ele não perdera o seu bom humor; ele e Pat faziam dos velhos tempos, quando eram realmente amigos. Durante todo o dia eles andaram calmamente. Por fim, chegaram ao poço. Eram mais ou menos quatro horas.

— Olhe! — exclamou Pat Garrett, de súbito. — Lá, junto ao poço!

De fato, com razão Pat estava admirado. Junto ao poço, arrastada a um velho tronco, estava Rio, amordaçada.

— Maldito Billy! Ele deu-lhe a pequena morrendo ali, de sede, diante da água! — grunhiu Pat.

— As teve toda a razão para isso — disse Doc, lentamente, explicando o caso da areia no cantil.

— Mas mesmo assim... — disse Pat, fazendo menção de ir em direção a Rio. A pequena ainda não percebera os dois cavalheiros.

— Espere um momento, Pat. Já prevejo como isto vai terminar. É preciso esperar apenas mais um pouco; deixe-me sair deste cavalo...

Pat tirou-lhe as algemas dos pés e Doc desmontou. Eles levaram os cavalos para o meio de uns arbustos e ficaram à espreita. Rio tinha os olhos muito abertos, aterrorizados, olhando para a água. Minutos depois ouviu-se o ruído de ferraduras de cavalo, de umas rochas nas proximidades, surgiu Billy, galopando em Jimmy. Aproximou-se rapidamente de Rio, saltou do cavalo, desamarrou-a e removeu-lhe a mordaca.

E, então, justamente porque as maneiras dos seres humanos não são racionais, os dois jovens se abraçaram longamente, carinhosamente.

— Querida! Querida! — murmurou Billy, com os olhos em lágrimas. — Não sei por que eu fiz isso! Juro que não sabia o que estava fazendo!

Com entusiasmo, beijou-a ardentemente.

— Eu mereci esta lição, querido! — exclamou Rio. — Quase o matei!

— Não, eu é que sou o culpado! Não, eu é que mereci o castigo!

— Você merece o que vai receber, agora — disse Pat Garrett, saindo de seu esconderijo. — Tenho um fuzil apontado para você, Billy. Portanto, não se esqueça de deixar as suas armas no solo.

Billy voltou-se, admirado, e realmente viu o fuzil. Por isso, obedeceu. Pat veio até onde Billy se encontrava e recolheu seus dois revólveres do chão. Calmamente, algemou Doc e Billy. E olhou para Rio.

— Vai sentir muito? — perguntou ele à pequena. Quando ela respondeu afirmativamente continuou: — Pois bem, então. Você pode ficar solta.

Depois, com uma expressão de satisfação, Pat falou:

— Ora, ora. Aqui tenho um belo grupinho.

— Uma simples questão de opinião — retrucou Doc, como sempre.

Billy e Rio nada disseram; o jovem não tirava os olhos da pequena, como se tivesse acabado de descobrir um imenso tesouro que, apesar de tudo, sempre estivera tão perto de suas mãos.

★

Pat tossiu levemente e falou:

— Bem, acho que podemos tratar de partir. Conseguirei um julgamento legal para vocês dois...

Ele não pôde terminar a frase. Uma seta veio assobiando através do ar e atravessou o capô de Doc, atirando-o ao chão.

— Apaches! — gritou Doc. — Abriguem-se!

Felizmente havia bastante abrigo. O poço estava situado em meio de um grupo de rochas, cercado de árvores, no cume de uma pequena elevação que descortinava uma boa parte do terreno.

— Se eu lhes der os seus revólveres — perguntou Pat, cauteloso mesmo diante do perigo — terei a certeza de reavê-los depois do combate?

MARÁ

meu perfume predileto



e de todas as
pessoas de
bom gosto

Loção e Colonia

MARÁ



BIGODÉ

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CACATIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

A resposta foi afirmativa. Pat Garrett tirou-lhes as algemas e distribuiu as armas.

Os índios enviaram uma saravada de setas e balas contra as rochas, mas não pareciam apressados.

— Eles esperarão até o anoitecer — explicou Pat.

E, realmente, tinha razão. Os índios suspenderam o fogo. O deserto ficou em calma, outra vez. Nem um som o perturbava, e o sol, serenamente, se foi escondendo atrás das colinas que ficavam ao ocidente. A escuridão desceu sobre a terra e as estrelas surgiram no céu, brilhantes e radiosas. Mas a noite, no deserto, não é completamente escura. O brilho das estrelas torna as coisas perfeitamente distinguíveis e as que se encontravam junto ao poço estavam alertas, à procura de qualquer movimento ou sombra suspeita. De súbito, ouviu-se o plar agudo de uma coruja, logo seguido de uma outra. Doc preparou a sua arma e disse:

— Chegou o momento!

De fato, era o momento. De todos os lados apareceram os Apaches, com as suas espadas nuas reluzindo ao clarão das estrelas e, embora eles avançassem de pedra em pedra, de um abrigo para outro, o fogo mortífero dos três homens por trás da barricada do poço foi eliminando-os um a um. Ao primeiro assalto fracassado, seguiu-se um outro, mais violento. A onda de selvagens, surgindo de todos os lados, atingiu a pequena fortaleza natural, forçou a passagem e, por um momento, se encontrou na parte interna da defesa formada apenas por três atiradores, embora o preço fosse bastante elevado para os índios. Os homens brancos lutaram, entretanto, com vigor; os índios caíram um após outro. O segundo ataque também fracassou. E os indígenas recuaram.

(Conclui no próx. número)

ARTISTAS DE "HOLLYWOOD"



Lindas Fotos em Cartão Postal Brilhante Extra 9x12. Sortimento completo de todos os Artistas Americanos.

12 Fotos ... Cr\$ 40.00
24 Fotos ... Cr\$ 70.00
36 Fotos ... Cr\$ 100.00
50 Fotos ... Cr\$ 140.00

Atendemos rapidamente pelo REEMBOLSO POSTAL. Pedidos a

N. V. TEIXEIRA — Rio de Janeiro

RUA SENADOR VERGUEIRO, 182 -- Ap 2

Não vendemos menos de 12 fotos e só temos no tamanho de 9x12. Para revendedores fazemos preço especial de atacado.

Inglês Básico e Prático

Vocabulário Completo do Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.

★

Pedidos pelo Reembolso Postal para:
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 --
Apto. 3 — TIJUCA — RIO DE JANEIRO
PREÇO: Cr\$ 20,00

PERFUMARIA MEYER

Amplo e confortável salão de cabeleireiros e manicures



Penteados artísticos pelos últimos figurinos
FRANCESES • AMERICANOS — Permanentes e
Tinturas

RUA ARQUIAS CORDEIRO n. 293
Meyer — Telefone 29-0968



SENUN

**AFASTADO O
PERIGO DAS
SALADAS!**

NAO SE PRIVE DAS VITAMINAS
NECESSARIAS A SUA SAUDE, USE
AS SALADEIRAS ESTERILISANTES

FABRICADAS PELO
PROCESSO

SENUN



ESTERILISANTE



QUEDA DOS CABELOS
Calvie precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE

INSUPERÁVEL
Há cinquenta anos

FIM-DE-SEMANA

(Cont. da pág. 23)

rigir o erro, contratando bons elementos, para valorizar seu "cast". Foi nesta fase de renovação, que Eerton Perlingeiro passou a fazer parte do quadro da emissora do Cineac.

Aerton Perlingeiro, entretanto, não é nenhum desconhecido, pelo contrário os fãs o conhecem longamente através de sua atuação na Rádio Transmissora (atual Globo) e na Rádio Club Fluminense, onde o foram buscar os dirigentes da A-3. Ingressando na Rádio Club do Brasil, Perlingeiro, com seu espírito dinâmico, logo viu o largo campo de atividade que tinha à frente e atirou-se ao trabalho com denodo.

Reeditou o seu programa de grande sucesso, criado na Transmissora, "Um tango e uma história para você", e tomando pé no terreno lançou há cerca de 2 anos, o seu grande programa de auditório "Fim de Semana".

A princípio a luta foi árdua, pois o programa foi lançado num horário que, segundo a opinião geral, era destinado ao fracasso, sábado das 13 às 15 horas. Entretanto, pouco depois, Aerton Perlingeiro dava uma prova de como andavam errados os profetas da Gávea. O programa foi adquirindo prestígio, cada vez mais e dentro de pouco estava vitorioso.

Isto é uma prova de que o programa realmente tem valor, pois num horário impróprio e sem distribuir fortunas em prêmios, como muitos outros programas de auditório, conseguiu sucesso.

Atualmente é difícil às vezes conseguir um ingresso para assistir ao "Fim de Semana" caso o ouvinte não chegue um pouco cedo. E não raro encontram-se inúmeras pessoas em pé durante a irradiação do programa, pois preferem isto a ir embora e não assistir ao programa. Quem lucra com isto é o Cineac, pois há sábados que mesmo em pé a lotação fica esgotada e o público sem outro recurso vai ao cinema da Avenida.

Outro dia resolvemos ver o motivo de tanta aceitação do programa e ficamos verdadeiramente surpreendidos. Perlingeiro tem idéias de maluco. Quando entramos no auditório da A-3, pensamos ter-nos enganado, pois estava sendo exibido um filme de longa metragem. Depois soubemos que enquanto para o público presente era exibido o filme, para os ouvintes de casa era irradiada uma novela infantil.

E o programa prosseguiu com um grande show de variedades, primeiro "A Visita de Hoje", apresentando um grande cartaz de outra emissora. Depois uma cena cômica "De conversa em conversa", seguido de brincadeiras de auditório, etc., etc.

E assim se divertem no "Fim de Semana" os fãs deste "broadcast" que no próximo dia 10 de julho completa seu segundo aniversário, com um grande programa ao qual comparecerão os mais destacados artistas das emissoras cariocas.

DE TODO O MUNDO

MÉXICO

Esther Fernández, Luis Aldás, Rafael Baledón, Antonio Bravo, Fernando Soto, Jorge Reyes e Nicolás Rodríguez são os principais intérpretes de "Estraña Cita", a película mexicana, dirigida por Gilberto Martinez Solares.

★

Filmes mexicanos distribuídos pela RKO-Rádio: "Romeu e Julieta" (Cantinflas e Maria Elena Marqués); "Herói por acaso" (Cantinflas, Gloria Marin e Mapy Cortés); "Hotel do barulho" (Cantinflas e Jacqueline Dalya); "A morte estava à espreita" (Fernando Soler, Malú Gatica e Gustavo Rojo); "A perola" (Pedro Armendariz e Maria Elena Marqués); "A sombra do potente" (Esther Fernandez, David Silva e Andrés Soler); "Retorno à vida" (Sara García, Malú Gatica e David Silva); "Pelo amor de uma mulher" (Conchita Martínez e Rodolfo Landa); e "Quem casa quer casa" (Maria Elena Marqués e Rafael Baledón).

SUECIA

O filme suéco "Hets" foi adquirido pela companhia norte-americana RKO-Rádio, que lançará a película em todo o mundo. O filme, premiado no festival de Cannes, será exibido no Brasil com o título "A tortura de um desejo". A película trata do sadismo de um professor de colégio. Alf Sjöberg é o diretor, e Stig Jarrel, Alf Kjellin e Mai Zetterling os intérpretes.

ARGENTINA

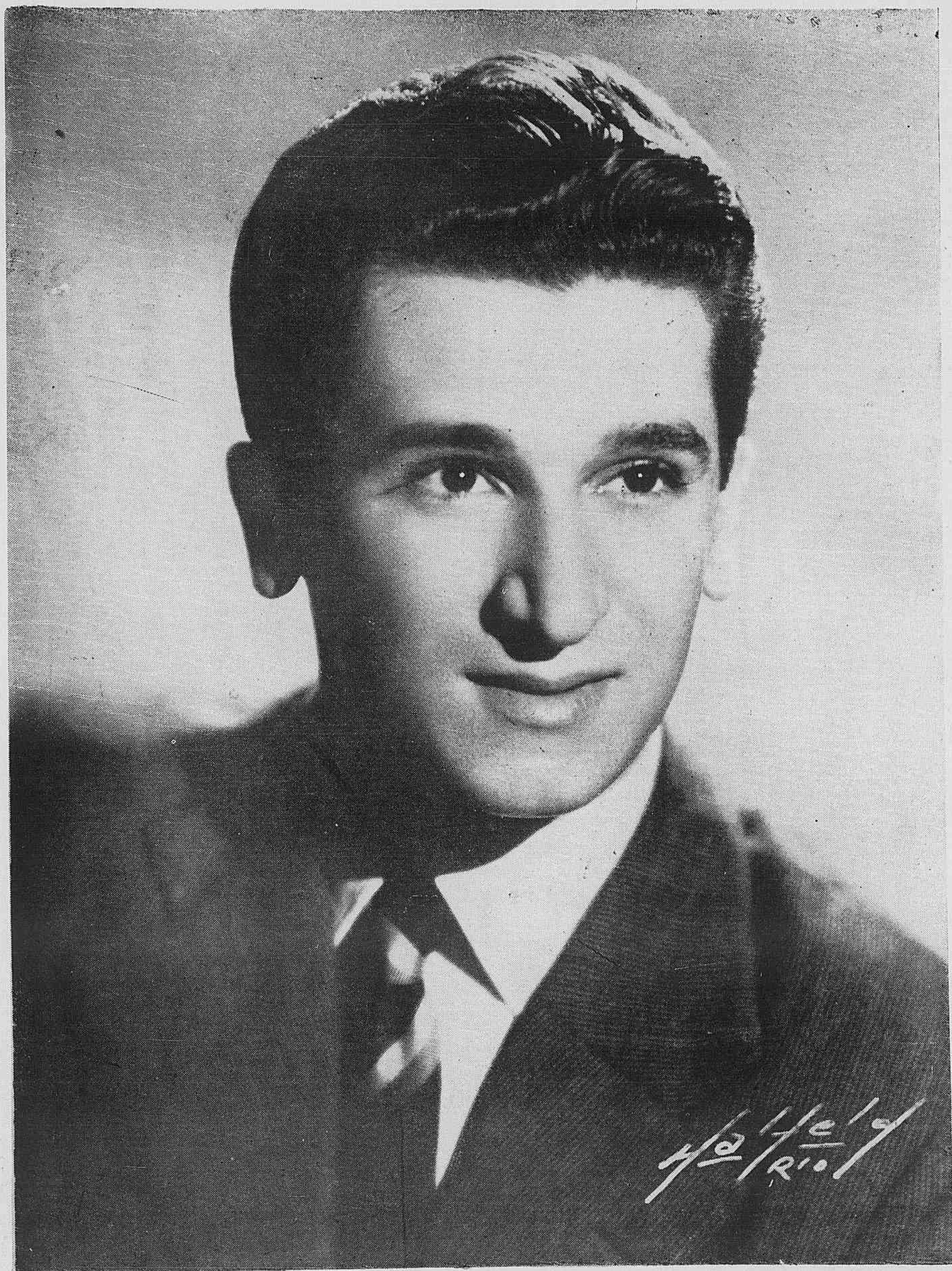
A revista cinematográfica "Procine", que se edita em Buenos Aires, selecionou, para o ano de 1947, "Albeniz" como a melhor película argentina; "Viver em paz", como o melhor filme estrangeiro; Narciso Ibáñez Menta, como o melhor ator do ano, pelo seu desempenho em "Corazón"; Amelia Beace, como a melhor intérprete em "A sangue frio"; Aldo Fabrizzi como o melhor ator estrangeiro, pelo seu trabalho em "Viver em paz"; Joan Crawford, como a melhor interprete do ano com "Fogueira de palcos"; e Luis César Amadori (argentino), Luigi Zampa (italiano) e Emilio Fernández (mexicano), como os melhores diretores.

CUBA

Com a apresentação da película "Ella, él y sus millones", iniciou uma nova etapa de estréias de filmes espanhóis devidamente selecionados, e apresentados por Solfilm, nova empresa que acaba de instalar-se na capital cubana.

★

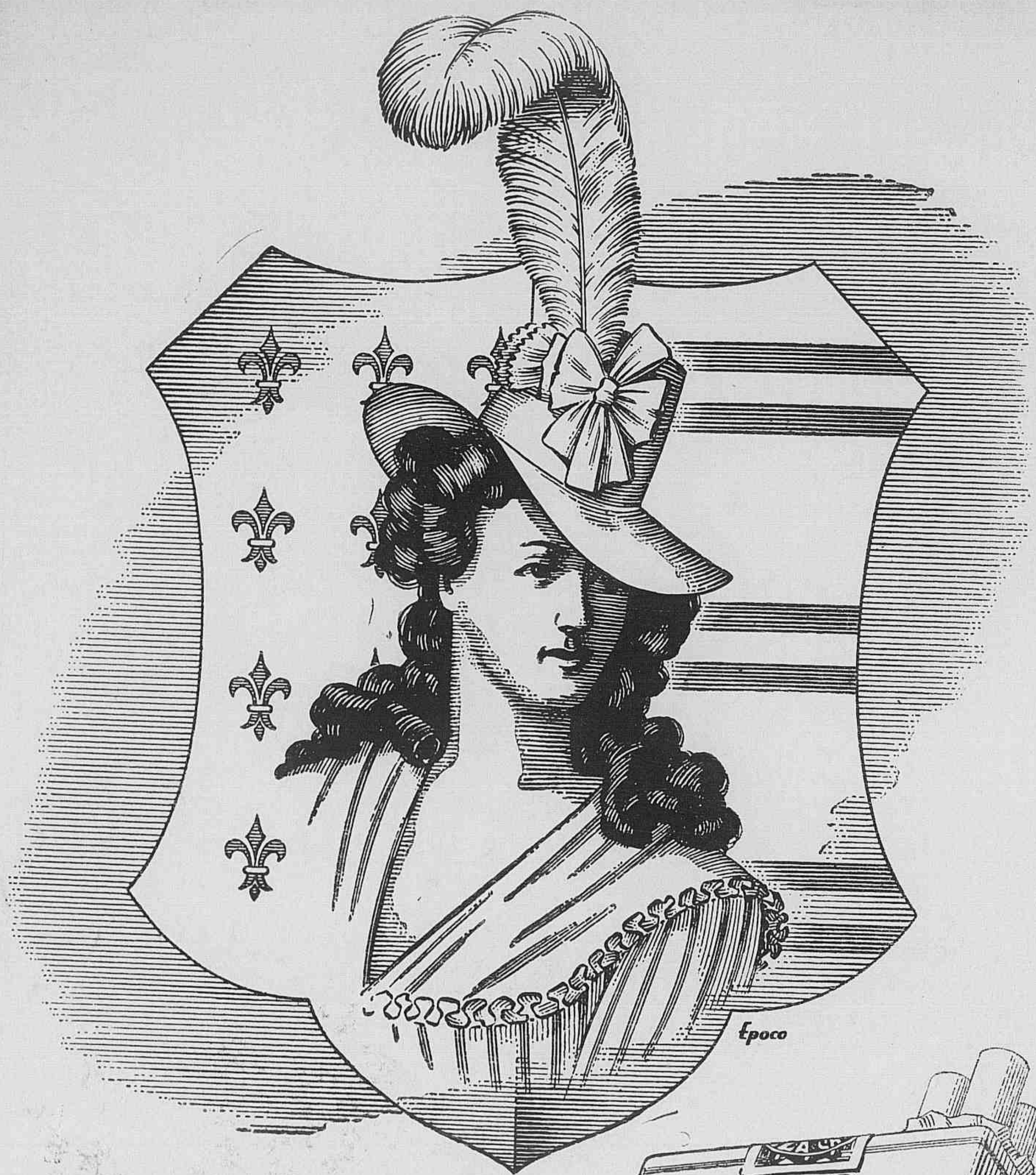
Outra empresa distribuidora de filmes também instalou-se em Havana — a Sary Films Corp — anunciando um selecionado lote de filmes norte-americanos, britânicos, franceses, etc.



Antonio Requião

(Rádio Globo)

Foto Halfeld



CIGARROS ELMO



(CIGARROS ELMO)
propriedade de
CIA. DE CIGARROS *Souza Cruz*